Ano I — 1.º de Novembro de 1955 — N.º 5

REVISTA DA CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

CONGREGAVIT NOS IN UNUM CHRISTI AMOR

Normas práticas para as necessidades do nosso tempo
Pio XII — Da Exortação Menti Nostrae, de 23-9-50 257
Formação da Castidade
Pe. João de Castro Engler, C. M. F. 262
O Movimento Missionário no Brasil
Pe. José Vicente Cesar, S. V. D. 277
O Servo de Deus Pe. Luiz Guanella
Pe. Mario Versé, S. C. 284
Discurso de Encerramento da Conferência Geral
do Episcopado Latino Americano
Exmo. Sr. Cardeal Adeodato Piazza 289
No IV Centenário da Morte de Santo Inácio de Loyola,
Os Exercícios Espirituais.
Pe. José de Oliveira Dias, S. J. 294
Da Nunciatura Apostólica, correspondência 305
Carta a uma Superiora
Pe. Geraldo Fernandes, C. M. F. 306
Do Serviço de Viagens 308
Do Serviço Jurídico 310
Do Departamento de Estatística, As paróquias do Brasil 312
Curso para formação de catequistas, crônica 313

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Propriedade da Conferência dos Religiosos do Brasil
Rua Farani N.º 95 — Rio de Janeiro — Brasil
Diretor Responsável: Pe. Irineu Leopoldino de Souza S. D. B.

EXPEDIENTE

Assinatura, para o Brasil: anual	Cr$ 150,00
" " " semestral	Cr$ 80,00
Número atrasado	Cr$ 20,00
Número avulso	Cr$ 15,00
Assinatura para o Exterior: anual	US$ 8.00
" " " semestral	US$ 5.00

A Revista da Conferência dos Religiosos do Brasil é mensal, e sai no primeiro dia de cada mês.

Colaboração e correspondência: enviar para Rua Farani, 95 D. Federal

* * *

Órgão da Conferência, a Revista dos Religiosos do Brasil reflete a vida da organização de que é mensageira. Tudo o que interessa à vida religiosa, interessa também à nossa Revista. Dos estudos teóricos, à pesquisa, do exame de problemas à sua solução, até encaminhamento de novas fundações e novas obras, e informações de serviços úteis às comunidades religiosas. Seu objetivo é continuar o Congresso dos Religiosos do Brasil, de fevereiro de 1954, no duplo propósito de atualizar e organizar o apostolado dos religiosos.

* * *

Diretoria da Conferência dos Religiosos do Brasil
(Eleita no Primeiro Congresso)

Presidente:	*Dom Martin Michler O. S. B.*
Secretário Geral:	*Pe. Irineu Leopoldino de Souz S. D. B.*
Tesoureiro:	*Irmão João de Deus, Marista*
Conselheiros:	*Pe. João Bosco Rocha S. J.*
	Frei Tarcisio Palazzolo O. F. M. Cap.
Conselheiras:	*Madre Maria de Sta. Clara Counort O. S. U.*
	Madre Maria do Calvário M. J. Cr.
Assessor nomeado para as Religiosas:	*Pe. Geraldo Fernandes C. M. F.*

Séde: Rua Farani, 95 — Rio de Janeiro — Fones 46-5601 e 26-8741

Departamento Jurídico: funciona na Rua Farani, 95
Departamento de Estatística: Instituto Pio XII - R. Real Grandeza, 87
Departamento de Catecismo: Facul. de Filosofia S. Ursula - Farani, 75
Departamento de Educação e Ensino: - Associação de Educação Católica do Brasil - Rua Martins Ferreira, 23 - Telefone 46-5407
Departamento de Serviço e Assistência Social: Instituto Social
Rua Humaitá, 170 - Telefone 26-6563
Serviço de Passagens e Serviço de Procuradoria: funcionam na Séde, à Rua Farani, 95 - Telefone 46-5601

* * *

Conferência dos Religiosos do Brasil, Seção de Baía e Sergipe
Criada na primeira semana de estudos dos Religiosos de Baía e Sergipe
7 a 14 de Fevereiro de 1955. Tem séde no Colégio das Mercês
Avenida 7 de Setembro — Salvador — Baía

NORMAS PRÁTICAS PARA AS NECESSIDADES DO NOSSO TEMPO

PIO XII

(Da Exort. Menti Nortrae, de 23 de Sete. de 1950 — AAS, 42 pág. 681 - 704)

Continuação

FORMAÇÃO ESPIRITUAL E MORAL

22 — Se com tanta solicitude, em cumprimento do nosso dever Apostólico, temos recomendado a magnífica cultura que se deve dar à inteligência dos clérigos, não será difícil entender quanto temos mais a peito a formação espiritual e moral dessas mesmas jovens, porque, se assim não for, até a ciência mais eminente, devido à soberba e arrogância que fàcilmente insinua nos corações, poderá produzir as maiores ruinas. Por isso a Santa Igreja quer que nos Seminários os jovens acima de tudo lancem os alicerces daquela vida santa que durante o restante de sua carreira deverão desenvolver e confirmar.

23 — Como já o temos dito para os sacerdotes, assim agora recomendamos que os clérigos tenham uma convicção profunda de que, para a conquista dos ornamentos da alma, isto é das virtudes, devem envidar todos os esforços para adquirí-las, e, depois de conseguí-las, para os guardar fortemente e aumentar continuamente.

24 — Por outra parte, cada dia, quase sempre nas mesmas horas, os seminaristas praticam os mesmos exercícios de piedade; daí póde se receiar que a essas práticas exteriores de religião não corresponda o movimento interior das almas, inconveniente que o hábito pode fàcilmente gerar neles,

que fora do Seminário se agravara ainda, quando estiverem a braços com o desempenho de funções muitas vezes absorventes.

25 — Portanto ponha-se todo o cuidado no formar os jovens para a vida interior; pois, sendo eles a esperança do clero, devem viver piedosa e intensamente essa vida que é a do espírito e segundo o espírito. Façam por isso tudo à luz da fé e em união com Cristo, convencidos de que êste santo modo de proceder é uma obrigação grave a que se não pode furtar quem um dia deve receber o caráter sacerdotal e representar na Igreja o Divino Mestre. A vida interior assim entendida será para os Seminaristas o meio mais eficaz para adquirir as virtudes sacerdotais, superar as dificuldades e realizar seus santos propósitos.

26 — Os que atendem à formação moral dos clérigos tenham sempre em mira o seu alvo que é fazer com que seus súditos se abracem com aquelas virtudes que a Igreja exige dos sacerdotes. Destas já temos falado em outra parte desta Exortação, e por isso não há que repetir aqui os mesmos conceitos; entretanto não podemos deixar de apontar e recomendar, entre todas as virtudes que devem ornar a alma de um aspirante ao sacerdócio, aqueles em que, como em sólido fundamento, se alicerça tôda a Santidade sacerdotal.

27 — Muito necessário é que os jovens adquiram o espírito de obediência, de tal maneira que criem o santo hábito de sujeitar sem mais a sua própria vontade de Deus da qual são como intérpretes os dirigentes do Seminário. Não haja, pois, jamais coisa alguma no seu procedimento que se aparte da vontade divina. Desta obediência, de que estamos tratando, vejam, os jovens o modêlo no Divino Redentor, que nesta nossa terra não tenha outro propósito: "Que eu faça, ó Deus, a vossa vontade" (Hebr. X, 7).

28 — Os futuros sacerdotes que desde a meninice vivem nos Seminários aprendam sinceramente a obedecer como filhos a seus Superiores, para que um dia se sujeitem dócilmente à vontade de seus Bispos, conforme ensinava o invicto atleta de Cristo, Inácio de Antioquia: "Obedecei todos ao Bispo como Cristo ao Pai". (Ad. Snyrnaeos, VIII, 1; Migne - L. G. VIII, 714). "Quem honra a seu Bispo é honrado por Deus; quem trabalha às escondidas de seu Bispo trabalha para o demônio" (Ibidem IX, 1, 714, 715). "Sem o Bispo nada façais, guardai vosso corpo qual templo de Deus, amai a união, fugí das discórdias, sêde imitadores de Jesus Cristo como êle o foi de seu Pai" (Ad philadelphienses, VII, 2. Migne - P. G. V, 700).

29 — Tenha-se também todo o vigilante e solícito cuidado de fazer com que estes jovens soldados da milícia sagrada estimem, amem e guardem bem a castidade, porque a escolha do estado sacerdotal e a perseverança nêle dependem em grande parte desta virtude. Por isso, sendo ela exposta aos maiores perigos na convivência com os homens, deve ser longamente provada e intimamente possuida por aqueles que aspiram à dignidade sacerdotal. Sejam, pois, instruidos os clérigos oportunamente acêrca do celibato eclesiástico e da castidade que os sacerdotes devem guardar (cfr. can. 132) e das obrigações que daí se seguem, e saibam outrossim os perigos a que por esta razão podem ficar expostos. Sejam outrossim exortados a que desde a mais tenra idade se acautelem contra os perigos, recorrendo na luta contra as paixões aqueles meios que os mestres da vida espiritual aconselham; porque quanto mais forte e constante fôr aquela luta contra as paixões, tanto maior será o progresso da alma nas outras virtudes e mais abundantes serão os frutos da experimentada ação sacerdotal. Se, portanto, entre os clérigos houver algum que nesta matéria mostra inclinações malsãs, e, provado por tempo razoável, não se tenha corrigido de semelhante propensão, deve ser eliminado do Seminário antes que tome as ordens sacras.

30 — Estas, de que falamos, e as demais virtudes próprias do sacerdote poderão os seminaristas fàcilmente adquirí-las, se desde a infância nutrirem uma sincera e terna devoção para com Jesus Cristo "verdadeira real e substancialmente" presente sob o véu do augustíssimo Sacramento em que mora entre nós nêste mundo; e se ao mesmo tempo Cristo Sacramentado for o movente e o alvo de todas as suas aspirações e trabalhos. Se a esta piedade para com o Santíssimo Sacramento da Eucaristia esses adolescentes juntarem uma filial devoção à Bem-aventurada Virgem Maria, devoção que os leve a se entregarem totalmente à Divina Mãe e a imitar as suas virtudes: então a Igreja se sentirá inundada de suma alegria, porque nunca poderá faltar o fruto de um ministério ardente e zeloso num sacerdote cuja adolescência se alimentou principalmente do amor a Jesus e a Maria.

31 — Aqui, Veneráveis Irmaos, não podemos deixar de vos exortar a que tenhais cuidado especial dos novéis sacerdotes.

32 — Nêsse tempo em que saem dos claustros do Seminário para desempenharem os sagrados ministérios, pode haver perigo para os sacerdotes que entram de chofre no campo aberto do apostolado, a não ser que já tenham sido prudentemente preparados para êste novo gênero de vida. E' o caso de considerardes que belas esperanças fundadas em jovens sacerdotes

podem muitas vezes sair baldadas se eles não forem por alguém encaminhados aos poucos nos trabalhos, sàbiamente vigiados e paternalmente guiados.

33 — Por êste motivo agrada-nos muito ver, onde é possível, os novéis sacerdotes recolhidos durante alguns anos em especiais institutos, nos quais, sob a direção de Superiores experimentados, sejam aperfeiçoados na piedade e nas ciências sagradas e encaminhados aos cargos eclesiásticos que convém a sua indole e a suas aptidões.

34 — Por estas razões quiséramos que em cada diocese ou, se assim as circunstâncias o exigirem, para várias dioceses juntas se fundem semelhantes colégios.

35 — No que diz respeito à Nossa Cidade, Nós com grande satisfação realizamos isto no fim do Nosso quinquagésimo ano de Sacerdócio quando mandamos construir a casa de Santo Eugênio para os jovens sacerdotes (cfr. AAS, XLI, 1949, página 165).

36 — Exortamo-vos, Veneráveis Irmãos, a não atirar, quanto for possível, sacerdotes ainda não experimentados no meio da atividade das obras nem a lugares muito afastados da séde da diocese ou de seus centros principais. Porquanto em semelhante situação eles sentiriam isolados, sem orientação, expostos a perigos, carecidos de mestres prudentes e certamente com prejuizos para si e para seus ministérios.

37 — E' pelo contrário muito do Nosso gosto, Veneráveis Irmãos, que estes novéis sacerdotes vivam com o decano mór do lugar e seus coadjutores; assim lhes será mais fácil, com os exemplos dos anciãos que lhes vão na frente aprenderem o desempenho dos sagrados ministérios e aperfeiçoarem-se no espírito de piedade.

38 — A todos os Pastores de almas lembramos por isso que o futuro exito destes novéis sacerdotes está em grande parte nas suas mãos. O zelo ardoroso e os generosos propósitos com que estes jovens sacerdotes encetam seu ministério podem às vezes ficar enfraquecidos senão apagados pelo exemplo dos anciãos, por serem eles tais que não brilhem pelas suas virtudes ou porque, sob o pretexto que os velhos não devem mudar seus hábitos, preferissem um teor de vida ocioso.

39 — Também Nós agora aprovamos e recomendamos encarecida-

mente o que já desejava a Igreja (cfr. can. 134), isto é que se inicie e estenda a prática da vida comum entre os sacerdotes de uma paróquia ou de várias paróquias limitrófes.

40 — Desta prática da vida comum, muito embora exija algum sacrifício, não há dúvida alguma que provém grandissimas vantagens, antes de tudo fomenta cada dia entre os sacerdotes o zelo e o espírito de caridade; juntamente é para o povo cristão um belo exemplo de quanto aqueles sacerdotes estão desapegados de seus interêsses particulares e do afeto aos proprios parentes; e finalmente isto mostra com que cuidado escrupuloso salvaguardam a sua castidade sacerdotal.

41 — Mister se faz também que os ministros de Deus cultivem os estudos, como sàbiamente lembra o Código de Direito Canónico: "Os clérigos, recebido o sacerdócio, não interrompam os estudos, especialmente os sagrados (can. 129). O mesmo Código, além dos exames que prescreve "ao menos cada ano durante um triênio" (can. 130, 1.º) para os novéis sacerdotes, quer outrossim que o cléro tenha várias vezes ao ano reuniões encaminhadas "a promover a ciência e a piedade" (can. 131, 1.º).

42 — Para favorecer estes estudos, a que muitas vezes por razões econômicas os sacerdotes não podem atender, é muito para desejar que os Bispos, seguindo a luminosa tradição da Igreja, tornem a dar dignidade e eficiência às antigas bibliotecas da Sé episcopal, ou das colegiatas dos cónegos, ou das próprias paróquias.

43 — De fato, aquelas bibliotecas, maugrado as espoliações e dispersões por que têm passado, não raras vezes posuem uma rica herança de pergaminhos, de livros manuscritos ou impressos. "testemônio eloquente tanto da operosidade e da influência da Igreja quanto da fé e piedade ardente dos antepassados, do seu amor aos estudos e da sua fina cultura" (Carta do Em. Card. Gasparri aos Bispos da Itália, 15 de abril de 1923, Enchiridion Clericorum, Cip. Pol. Vat. 1937, p. 613).

44 — Não sejam aqueles bibliotecas só depósito de livros, mas sim, edifício de boa estrutura com sala em que se possam comodamente ler e consultar os livros. Mas sobretudo estejam elas em dia, providas de obras de todos os gêneros, especialmente das que tratam as questões religiosas e sociais dos nossos tempos, de tal modo que os professores, os parócos, os sacerdotes mais novos em particular possam haurir delas bastante doutrina para declarar as verdades evangélicas e combater os erros.

(Continua)

FORMAÇÃO DA CASTIDADE

Sua Santidade Pio XII na exortação "Menti nostrae" dirigida ao clero em Setembro de 1950, advertia: "Sim, vigiai, diletos filhos, porque a castidade sacerdotal está exposta a muitos perigos, quer pela dissolução dos costumes, quer pelos atrativos do vício que são frequentes e insidiosos, quer em fim por essa excessiva liberdade que se introduz cada vez mais nas relações entre os dois sexos e que tenta penetrar mesmo no ministério sagrado" — e para garantir nos futuros sacerdotes a firmeza, constância e perfeição desta virtude manda que durante os anos de sua formação "sejam esclarecidos os seminaristas sôbre a natureza do celibato eclesiástico, sôbre a natureza da castidade que devem guardar e sôbre as obrigações que leva consigo (C. I. C. Can. 132) e consequintemente que sejam instruidos sôbre os perigos em que poderão cair".

Cremos que essas advertências tão sábias e tão urgentes em nossos dias, embora dirigidas pelo Santo Padre dum modo especial aos sacerdotes e seminaristas, deverão orientar nosso trabalho de formação da castidade religiosa tanto mais que a maior parte dos religiosos são ou se destinam a ser sacerdotes, e quanto aos demais é também certo que a castidade é um dos deveres não só essenciais da sua vocação, mas talvez aquele que mais condiciona a vitalidade e o fruto de uma vocação religiosa, tanto para a santificação pessoal como para a eficácia do apostolado. (1).

---

(1) "Il problema vocazione sacerdotale e religiosa é sempre intimamente connosso con il problema della castità in tutti i suoi aspetti: le due cose vanno de pari passo" (Castità, Perfetta, P. Talonc M. S. C. p. 26 nota 1 ao fim; edizione Paoline, Albá, 1952).

Pio XII manda que os candidatos à vida sacerdotal, e religiosa acrescentamos, sejam esclarecidos.

a) Sôbre a natureza do celibato e da castidade que devem guardar e sôbre as obrigações que leva consigo.

b) Sejam instruídos sôbre os perigos em que poderão cair.

Tentaremos expor o que nos parece mais necessário e a propósito sôbre êsses dois pontos para a formação do religioso.

NECESSIDADE DE UMA IDÉIA CLARA SÔBRE A NATUREZA DO CELIBATO E CASTIDADE RELIGIOSA E SUAS OBRIGAÇÕES

1. Sexualidade e natureza humana.

Deve o jovem religioso saber que a sexualidade condiciona tôda a vida humana, quer a sexualidade considerada em ser (distinta é a psicologia masculina e feminina) quer em seu exercício, tornando-se pelo casamento o homem plenamente homem e a mulher plenamente mulher. Entretanto a sexualidade humana não adquire todo o seu verdadeiro e completo sentido, não atinge plenamente seu fim senão quando se transfigura em amor, em dom de si.

O caminho mais comum que conduz a êsse fim é o amor conjugal. Mas — os fatos o provam — êsse fim pode ser atingido plenamente pelo caminho da castidade sacerdotal e religiosa que é essencialmente amor, dom de si,

"O ser humano é capaz de celibato e, coisa admirável, o domínio que conquista assim sôbre a carne, pode em nada diminuir seu valor integral, físico, psíquico, moral. Os fatos aí estão a provar uma tal possibilidade. Encontram-se homens e mulheres que guardam um celibato religioso e são tipos magníficos de humanidade. Nêles não há a menor diminuição de qualquer das faculdades vitais e morais cujo desenvolvimento requeira a exigência mais ciosa da natureza humana Como é isso possível? Possível justamente porque está na mesma natureza do homem ser alma, e é o espírito que tem o poder supremo e por conseguinte não estamos diante de estados fora da natureza, estados contra a natureza, quando se obtém o perfeito domínio do corpo pela alma. Muito ao contrário estamos diante da mais bela conquista humana". (2).

---

(2) R. Biot: "Le Corps et l'Ame", Plon, Paris, pág. 174 sg.

Resumindo: A sexualidade condiciona tôda a vida humana e acompanha a pessôa durante tôda a existência.

Mas pode o homem conseguir perfeito e pleno domínio das inclinações da carne e do coração, pela consagração a um amor espiritual superior — e isto sem nenhuma diminuição de sua personalidade.

Não porém sem que êsse domínio envolva em tôda a sua extensão o caráter de renúncia sôbre o que é mister insistir e dar idéias claras.

2. Renúncia.

Há uma ordem natural da providência: seu fim imediato: a conservação e multiplicação do gênero humano e para isso a procriação dos filhos. Meio: o matrimônio. Para a realização do matrimônio Deus pôs no coração humano a necessidade do amor — e amor exclusivo de um homem, de uma mulher, doação recíproca, total, exclusiva — é a união moral, a união dos corações.

Este um dos elementos do matrimônio meio da procriação — o outro a inclinação à união física, atos conjugais.

Tudo isto ordenado por Deus, tudo em si reto e santo — embora nêste setor sobretudo é que mais se manifestam as feridas deixadas na natureza humana pela culpa original.

E repetimos, é uma ordem natural (3) e, como tal, segue a natureza humana, influe e condiciona tôda sua personalidade.

Há nessa ordem de coisas, uma tríplice inclinação do homem: o amor da mulher — o prazer sexual — a paternidade.

Pois bem o celibato eclesiástico ou religioso é a renúncia a essa tríplice inclinação: Se renúncia, sacrifício; se sacrifício, luta. Umas vêzes será uma delas, outras outra a que mais fará sofrer a alma religiosa. (4).

Por que essa renúncia?

Porque há outra ordem da Providência, ordem sobrenatural. Seu fim: o amor de Deus em tôda sua perfeição e como expansão e consequência natural dêsse amor, o zêlo ou amor do próximo, trabalhando por sua salvação eterna.

---

(3) Natural em si, essa ordem ficou sobrenaturalizada entre os cristãos pelo matrimônio - sacramento.

(4) R. Biot e P. Galimard: "Guide Médical des Vocations Sacerdotales et Religieuses, Paris, 1945, pág. 225.

Meios para isso: a renúncia a tudo que é terreno no coraçao humano — em particular, renúncia àquela entrega ou dom total do próprio coração a outro coração, .. verdadeira procura de si mesmo ao mesmo tempo que dom de si mesmo — conseguintemente renúncia dos atos carnais que nascem do amor sensível, e que são os que mais podem afastar o espírito de Deus e das coisas espirituais e eternas — e conseguintemente ainda renúncia à paternidade.

E' necessário pois que o jovem religioso se capacite do alcance de sua renúncia. — Deve compreender que a vida conjugal à qual renuncia, não se ordena apenas ao gôzo do prazer venéreo. O fim do matrimônio é a geração dos filhos: logo a paternidade e a maternidade. Para a geração dos filhos Deus colocou na natureza o amor mútuo de um homem e de uma mulher. Se não se amassem, não se uniriam em matrimônio, não dariam origem a filhos, nem os educariam e formariam. Mas só êsse amor não dá origem a filhos. E' preciso que o amor leve aos atos conjugais em ordem à geração dos filhos. Logo temos aqui uma escala de valores:

a) Fim primário: geração dos filhos. Logo paternidade e maternidade.

b) Satisfação das inclinações do coração humano que aspira a amar e ser amado. Dom total e exclusivo.

c) União física nos atos ordenados à geração. Meio imediato dessa geração.

Em outros têrmos: no gráu ínfimo o impulso dos instintos sexuais; mais acima o desejo do amor e a aspiração à paternidade e à maternidade.

I. Primeira renúncia. — E' preciso que o religioso compreenda que não renuncia apenas ao impulso dos instintos sexuais.

Isto o deve fazer todo homem que se queira salvar, exceptuadas as exigências do matrimônio; isto o deveria fazer sempre, quem dentro do matrimônio se ligasse com o voto de virgindade (temos exemplos em Santo Henrique e Santa Cunegunda reis da Alemanha). O religioso deve compreender que isto é o mínimo na escala das renúncias e das ofertas generosas que faz a Deus em sua profissão.

Deve ainda renunciar ao desejo do amor conjugal, ou amor de exclusividade, dom total recíproco.

E' importante distinguir bem estas coisas e ver o seu alcance. Quantas vêzes falando ou pensando em castidade religiosa e sacerdotal, pensam muitos só em manter o corpo longe dos prazeres carnais. E' uma idéia incompleta. A castidade religiosa leva ao sacrifício da aspiração ao amor como dom total recíproca entre criaturas, e é isto precisamente a alma de nosso voto. E como não é possível ao homem viver sem amor, como diz a Imitação de Cristo, "sem amor é triste a vida do homem sôbre a terra", não se trata de extinguir, mas de concentrá-lo todo em Deus, em Jesus Cristo. Embora seja para todos o 1.º mandamento: "Amarás o Senhor teu Deus com todo o coração, com tôda a mente, com tôda a alma", entretanto o amor de que falamos, tratando da alma religiosa, é o amor de exclusividade, de entrega total: ser só de Deus, escolher a Deus só. A isso nem todos estão chamados, e portanto não é nenhuma obrigação geral.

Êsse amor de exclusividade entre as criaturas é o amor de espôso e esposa. Pois é êsse o amor que a alma religiosa oferece a Deus. Por isso as Sagradas Escrituras chamam a alma virgem de espôsa de Deus. Título que não é apenas das mulheres: é de tôda alma consagrada a Deus só. São Paulo caracteriza bem êsse amor exclusivo Deus que leva consigo a virgindade, quando ensina: assim como os esposos terrenos nos matrimônios humanos, vivem nessa união de sentimentos, pela qual a preocupação de cada um dêles é agradar o outro, de forma que essa preocupação lhes absorve a atenção, os cuidados, todo o amor do coração, de igual modo as almas que consagram a Deus sua virgindade, só pensam, só cuidam, só amam a Deus e só se preocupam de lhe agradar. (1 Cor. VII, 32-34).

Conseguintemente o religioso deve capacitar-se de que:

1) Entra de cheio em seu voto de castidade a guarda do coração de todo amor profano. Êsse ponto é essencial e o principal: A castidade do corpo se ordena a esta do coração. Tanto assim que o mesmo São Tomaz diz que não seria virtude a virgindade se não se ordenasse a êste fim superior: o serviço mais perfeito de Deus. (2a. 2ae. q. 152 a. 5.). De fato, pois, a virgindade leva consigo a não obtenção do fim importantíssimo da geração dos filhos, imposto aos homens em geral, pelo mesmo Deus: "Crescei e multiplicai-vos". (Gên. cap. I, 28). Logo só um fim superior pode justificar a guarda da castidade.

2) Que é um atentado contra a finalidade, a alma do voto de castidade perfeita oferecido na profissão religiosa, tôda procura do amor exclusivo da criatura, tôda entrega do coração a uma criatura. Daí a razão de serem más as chamadas amizades particulares. Quando são verdadeiramente

tais elas vêm ferir diretamente a promessa de consagração total a Deus só. Se tais amizades particulares fôssem entre pessôas de diferente sexo se chamariam namôro, nenhuma outra diferença existe. O jovem religioso deve compreender o sintoma de insegurança moral que significa para seu futuro o deixar-se levar dessas amizades. E' um coração incapaz de cumprir sua consagração a Deus só. Agora sucumbe à afeição de um companheiro, é muito possível que amanhã sucumbirá mais tristemente a outras afeições tornando-se infiel a seu voto, com mais ou menos escandalo público e com consequências mais ou menos irremediáveis.

E' ponto que cremos de máxima importância. Muitos religiosos (e religiosas e jovens seminaristas e sacerdotes) que sentem horror pelos atos carnais que vêm manchar sua castidade, não temem entreter o coração em afetos e amores mais ou menos desordenados. Não vêm nisso uma falta direta contra a consagração a Deus — e não vêm relação direta dêsses afetos com a transgressão, que se aproxima, da castidade corporal. Compreende-lo-ão muitas vêzes tarde e quando já o amor os fêz perder o horror a atos que teriam repelido num princípio. Não é quando a castidade corporal falha, que faltar ao fim de sua vocação; já haviam faltado à sua consagração a Deus desde que começaram a admitir e cultivar em seu peito o amor das criaturas.

Portanto capacitar-se do sacrifício que se faz do coração, de que êsse sacrifício é parte essencial de nossa consagração e da relação que essa fidelidade do coração conserva com a firmeza na repulsa aos prazeres da carne.

II. Segunda renúncia: Os prazeres sexuais.

Sôbre a abstenção plena e perfeita dêsses prazeres é mister observar se duas coisas que podem ser descuidadas e infelizmente não raro o são.

1) Os jovens religiosos máxime se se destinarem também ao sacerdócio devem conhecer o que dêles exige a prática do voto da castidade e a incompatibilidade de uma vida religiosa com transgressões graves mais ou menos frequentes dêste voto. Não se deve fazer voto de uma coisa quando não se tem certeza moral de ter fôrças para a cumprir. E não se concebe certeza moral num religioso cujas faltas provam claramente o contrário. Sem essa garantia, se fôr noviço, não deverá professar (c. 571, § 2.); se de votos temporais não deverá passar à profissão perpétua; se de votos perpétuos deverá pedir dispensa, pois não se sente com fôrças para o cumpri-

mento de um dever essencial de seu estado e multiplica os pecados e os sacrilégios. Se além de religiosos se destinam ao sacerdócio, urge muito mais que conheçam claramente o que dêles exige a igreja. E neste ponto a disciplina atual da Santa Sé, fundada na experiência, exige bem mais que tempos atrás. Basta lembrar aqui a instrução da Sagrada Congregação "Pro Seminariis et Studiorum Universitatibus" de 13 de Março de 1943, enviada aos seminários regionais da Itália e que estabelece as seguintes normas para os Diretores Espirituais em ordem a julgar da vocação sacerdotal sob o aspecto da castidade.

1) Con l'inizio del corso teologico lo studio del giovane sotto l'aspetto della purezza deve considerarsi chiuso. In teologia l'abito della castità dev'essere acquisito. Se il giovane non si é mantenuto immune da peccati gravi esterni almeno da un anno prima di entrare in Teologia deve essere escluso dalla via del Sacerdozio.

2) Nel terzo anno di Liceo il Direttore Spirituale deve accertare le disposizioni del giovane in merito alla purezza. In questo, che puó dirsi l'anno dello "scrutinio", deve emergere la certezza morale che il giovane aspirante al Sacerdozio si manterrà puro.

Perché l'esito della prova in tale anno — comprese le vacanse estive precedenti, — sia da considerarsi negativo, basta un peccato grave esterno, specialmente con altra persona.

Quando si verificasse o si prolungasse un periodo di crisi, dipendente dall'età e da particolari condizioni di temperamento (ritardo di crisi), e il giovane apparisse peraltro dotado di sincera pietà e solida virtú, si potrebbe prolungare il periodo di prova per un altro anno, in modo che il giudizio definitivo possa concludersi entre il primo anno di Teologia (possibilmente prima del conferimento della S. Tonsura). Si tenga peró presente che il ammettere alla prova deve essere un espediente eccezionale. In via ordinaria, quelli di cui non appaia sicura la perseveranza nella purezza all'inizio della Teologia debbono essere eliminati.

3) Durante i primi anni di liceo debbono essere allontanati dal Seminario i giovani che in riuscissero a vincere le tentazioni e a superare i turbamenti prodotti dalla crisi. Soltanto in questo modo si potra ottenere che non entri in Teologia, e tanto meno riceva la S. Tonsura, chi non avesse dato prova di possedere, per grazia del Signore, l'abito della purezza, difeso e sostenuto dall'exercizio abituale delle altre virtú necessariamente concomitanti.

Estamos pois bem longe da doutrina de outrora que concedia a um jovem clérigo aproximar-se do subdiaconado com sómente 6 meses ou 1 ano de fidelidade na observância da castidade.

Essas orientações da Santa Sé devem ser conhecidas pelos jovens religiosos pois êsse conhecimento os pode tornar mais acautelados desde os inícios da vida religiosa e por outra parte urgirá sua consciência para que não ousem passar adiante ocultando a seus Superiores o verdadeiro estado de sua alma.

Dever-se-á ainda dar aos jovens aspirantes ao estado religioso (juvenistas ou noviços) a instrução necessária sôbre a verdadeira matéria da castidade corporal; sua extensão e seus limites, — instrução que podera ser insinuada em público e reservada nos pormenores necessários a conversas particulares entre o jovem e seu Diretor.

2) O segundo ponto que se deve ter em conta é a obrigação grave que pesa sôbre os Formadores de ajustarem seu critério a essas normas da Igreja, curvando o próprio juízo e afogando a voz do sentimento. Como bem observava Mons. Dino Tomassini, Reitor do Pontifício Seminário Regional de Viterbo, não precisamos que se dêem novas leis e normas mais precisas, mas que se conheçam e se observem fielmente as já existentes, e que essas normas "sejam mais enérgicamente recordadas e postas em prática para evitar lágrimas à Igreja, tristes escândalos para o povo cristão e irreparáveis tragédias a jovens inexperientes". (5).

E' mister que os Diretores Espirituais (Mestres, Prefeitos, etc.) tomem êsse ponto com o máximo interêsse e talvez ainda mais os confessores de noviços e de jóvens religiosos, pois, muitas vêzes são êles os únicos confidentes dessas falhas da vida religiosa, que os interessados não têm ânimo de revelar ao Mestre ou Diretor. Eles portanto, muitas vêzes serão os únicos responsáveis por essas vocações falhas ou erradas e por suas tristes consequências. E que essas funestas consequências são frequentes as poderá constatar qualquer Superior religioso que tenha alguma experiência. Citarei as palavras, dignas de meditação, de Mons. Dino Tomassini: "Dei molti disgraziati giovani Sacerdoti, dei quali ho potuto personalmente conoscere tutta la misera tragedia, il 90% sono caduti perché Sacerdoti senza vocazione, e in particolare senza la virtú della castità, come all'evidenza avevano

(5) "L'Esortazione "MENTI NOSTRAE" e I Seminari", pág. 49, Tip. Poliglotta Vaticana, 1952.

dimostrato prima e dopo il loro ingresso in teologia, prima e dopo la debita prova.

Ho interpellato alte personalità ecclesiastiche, che per il loro ufficio hanno una specifica e completa conoscenza dell'argomento, e mi hanno assecurato che la quasi totalità delle defezioni e degli scandali (che non sono pochi e non accenano a diminuire) si deve attribuire al fatto che si sono lasciati arrivare al Sacerdozio giovani che non possedevano i requisiti rechiesti, primi fra tutti quelli della normalità psichica e della castità. E che non possedevano tali requisiti era cosi ben visibile, prima e dopo il loro ingresso in teologia, prima e dopo la debita prova, che é stato possibile documentarlo". (6).

E' tanto mais necessário tomar-se êste ponto em consideração quanto a escassez de clero e de vocações religiosas poderá inclinar os Superiores a facilitar o acesso à vida religiosa e ao sacerdócio a jovens que não reunem as garantias exigidas pela Santa Sé em matéria de castidade, ou pelo menos são de aptidões duvidosa, e mesmo estes não se deverão ordenar, segundo o can. 973, § 3. Quantas vêzes terão dito ou pensado os Superiores: Fulano de tal melhor seria que nunca se tivesse ordenado. Entretanto não raro a culpa competirá a Superiores, Diretores e Confessores que não se ajustaram as normas da Santa Sé por as não conhecer suficientemente ou por não se atraverem a seguí-las diante da necessidade de verem reduzir-se mais e mais o número já diminuto de seus noviços ou jovens religiosos. Mais tarde as defecções e escândalos virão, além do mau exemplo dado, diminuir entre os colegas de verdadeira vocação aquela idéia que deveriam ter e que tinham de fato até então da vida casta dos religiosos e sacerdotes.

III. Terceira renúncia.

O terceiro sacrifício, íntimamente ligado com os anteriores, mas nem por isso menos real, sacrifício que não anula a fôrça dessa inclinação, é o da paternidade: "o voto de castidade implica o sacrifício da paternidade e da maternidade segundo a carne. E' sómente à medida que avançará em idade que o padre sentirá o pêso do seu sacrifício. (7).

E Biot-Gallimard: "Há sobretudo no coração humano um apêlo tal a renovar-se nos filhos, imagens do que é cada um e imagens do ser amado,

---

(6) "L'Esortazione "MENTI NOSTRAE" e I Seminari", pág. 48, Tip. Poliglotta Vaticana, 1952.
(7) Castità Perfetta, pág. 92 sg.

que a renúncia à paternidade é infinitamente mais dolorosa que a resistencia ao impulso carnal". (8).

O jovem religioso deve saber que fêz essas renúncias — e que como renúncia sentirá o reclamo das inclinações naturais no decorrer da vida, mais ou menos fortes conforme o temperamento, a idade que atravessa e as condições externas ou internas em que se venha a encontrar.

E' muito conveniente que os jovens religiosos sejam prevenidos de que, embora uma longa vida virtuosa aumentará seus recursos de energia espiritual para a resistência, e em parte diminuirá as inclinações do apetite sexual, entretanto essas inclinações, normalmente falando, sempre continuarão mais ou menos vivas, mais ou menos latentes; devem estar prevenidos para a chamada "crise dos quarenta anos" que para muitos sacerdotes e religiosos causa viva inquietação e surpreza, e para outros, não prevenidos espiritualmente ou caídos já em funesta tibieza, torna-se fatal e explica, mas não justifica, certas apostasias após anos passados na fidelidade.

Deve saber que as três inclinações são em si santas e boas, ordenadas pelo Criador, mas renuncia a elas por um amor mais pleno, perfeito e exclusivo de Deus só, e que êsse amor lheconferirá a fecundidade e a paternidade que não é apenas da vida sacerdotal mas de tôda a vida religiosa, embora nos simples religiosos sua ação espiritual sôbre as almas permaneça frequentemente segrêdo de Deus sómente.

3. Consagração.

Os três pontos até agora considerados são o ladó da renúncia. Já foi indicado o lado positivo: a consagração total e exclusiva ao amor de Deus. O jovem religioso se deve ver claro a renúncia que realiza e que se perpetuará em sua existência, deve ver mais claro ainda e sobretudo sentir que o faz por amor de Deus. Não renuncia ao amor, mas eleva-o a sua máxima perfeição concentrando-o em Deus sómente. A pureza ou castidade religiosa é a pureza virginal. E virgindade, como ensina São Paulo, é para viver ocupado sómente nas coisas que são de Deus, (1 Cor. VII, 32-34) e como diz São Tomaz, só é louvável para consagrar-se às coisas de Deus (2a, 2ae. q. 152 a. 5). Se o jovem religioso não sente verdadeiro amor por Jesus Cristo, ilude-se ao fazer seu voto de castidade e se prepara para as mais tristes

(8) Castità Perfetta, pág. 90.

consequências. O amor e o que consigo leva o amor é uma necessidade do coração humano. Ou amaremos a Jesus Cristo ou a criatura. A virgindade só se mantém num ambiente sobrenatural, a virgindade se alimenta das virtudes teologais, fé, esperança e amor; amor sobretudo é sua razão de ser.

Há muitos hoje no mundo, nêsse ambiente de falta de fé em que vive grande parte da sociedade hodierna, há muitos que não acreditam na pureza dos religiosos e das religiosas. Ou se acreditam, têm compaixão de nós e nos consideram como seres infelizes ou sujeitos anormais. E eu diria que até certo ponto têm razão. Ignorando a vida da graça, a vida sobrenatural, a realidade do amor de Jesus Cristo, concluem com tôda a lógica. Mas qual a conclusão para nós os religiosos? Que ou viveremos vida interior ou mais cedo ou mais tarde fracassaremos na castidade. E' o que diz, embora com menos realismo o Pe. Le Guillou, O. P.: "O ser consagrado a Deus, que não vive ao nível das virtudes teologais tende necessàriamente a procurar compensações... Quantos religiosos e religiosas cujas atividades não são mais que buscas de compensações para o vazio interior mais ou menos explicitamente percebido". (9). E Voillaume, dirigindo-se ao sacerdote (o que podemos aplicar perfeitamente ao religioso) que sofre os embates e as crises da castidade: "Não existe aliás um meio termo: ou vosso amor sairá dessas crises, fortificado devido à felicidade de ter encontrado uma fecundidade de uma vida incomparàvelmente mais bela, profunda e extensa, ou a vossa generosidade decrescente mal aguentará uma castidade que vos parecerá diminuição de personalidade e inconscientemente vos arrependereis talvez do voto de castidade, voto êste que considerareis antes como um fardo, aparecendo ela menos bela e menos fecunda do que o casamento. Sendo assim, a queda é próxima; no mínimo tratar-se-á de uma vida religiosa medíocre enroscando-se num egoismo à busca de compensações para a renúncia outrora declarada voluntàriamente. (10).

Entretanto é tudo ao contrário, como dissemos acima, a castidade perfeita é a mais alta conquista da alma humana sôbre o corpo e que lhe confere um potencial imenso de energia espiritual, que longe de lhe diminuir cendo ela menos bela e menos fecunda do que o casamento Sendo assim, universal sem ser menos intenso, e mais livre das procuras egoistas de si

---

(9) La Chasteté, Virginité et Vie théologale, pág. 142, Les éditions du Cerf, Paris, 1953.
(10) Transcrito de "Carta aos Padres" núm. 49, agosto de 1953, pág. 20 ss.

mesmo. Provam-no à sacledade, as maravilhas da caridade e zêlo que no sêio da Igreja praticaram e praticam as almas virgens dos verdadeiros religiosos e religiosas.

Conclusão: Não se devem admitir à profissão religiosa jovens sem verdadeiro espírito de piedade ou vida interior. Vigie-se mais nêste ponto sobretudo se destinados ao sacerdócio.

PERIGOS DA CASTIDADE

Não faremos mais que enumerar sucintamente alguns desses perigos, em parte corolários do que dissemos até aqui.

1) Falta de formação religiosa no ponto da castidade. Esta falta dependerá de não terem sido esclarecidos os jovens religiosos sôbre o alcance do sacrifício que faziam e das razões sobrenaturais que os deveria impelir a êsse sacrifício de tanta repercussão em tôda a sua vida futura. "Muitas dificuldades na castidade e mesmo quedas têm, não raro, sua origem numa preparação insuficiente para lutas, para os perigos e para as ocasiões" .(11).

Um fator que pode contribuir não pouco a essa insuficiência de preparação, tememos muito que seja o reunirem-se candidatos para a vida religiosa em idade muito tenra, 9 e 10 anos (pré-juvenatos e pré-seminários). E mesmo aos 11 e 12 anos, se depois de entrados, passam tôda a sua carreira sem nenhum contacto com a família e com o ambiente do mundo. E' o mesmo Sumo Pontífice Pio XII que no-lo parece advertir: "Se os jovens, especialmente os que entraram no Seminário em tenra idade, são formados num ambiente demasiadamente afastado do mundo, depois quando deixarem o seminário poderão achar sérias dificuldades nas relações com o povo" ("MENTI NOSTRAE"). E não é sómente os maiores perigos a que se expõem, mas mesmo o grande mal de se terem abraçado com a castidade para cujo sacrifício não estavam preparados espiritualmente. Essa falta de preparação explica muitas das dificuldades e voltas para o mundo de jovens religiosos nos primeiros anos de seus votos, e mesmo após a profissão per-

---

(11) "Castità Perfetta", pág. 13.

petua: pensamos que em não poucos casos não se trata de vocação perdida mas de falta de verdadeira vocação que nunca houve. (12)

2) Falta de verdadeiro e profundo espírito de piedade. Coração que não se volta para Deus, fàcilmente se voltará para as criaturas e sucumbirá nas lutas da castidade. Infelizmente não é difícil já na altura de passarem ao Noviciado ou durante êle, e nos primeiros anos de vida religiosa encontrarem-se jovens sem nenhum idealismo espiritual, sem verdadeira vida sobrenatural, mas que vão continuando, porque ninguém lhes diz nada, porque lhes custa quebrar o ritmo de uma vida a que se acostumaram tranquilamente desde pequenos, porque não é fácil voltar ao mundo, porque lhes parece melhor a vida do convento do que a que levavam em casa, onde talvez as estreitezas econômicas da família os obrigavam a mais trabalho, sacrifício e privação. Que há de verdadeira vocação nestes religiosos? saberão conservar-se castos quando surjam mais vivas as aspirações da carne e do coração?

3) Suposta a boa formação religiosa nos dois pontos anteriores, a castidade religiosa terá que sofrer os embates fortes, continuados, insinuantes do ambiente pagão de sensualismo, que hoje, mais que nunca tende a tornar-se o ambiente normal do mundo. Cremos que a virtude do religioso de hoje deve ser muito mais forte e robusta do que se exigia ciquenta anos atrás. As frequentes e lamentáveis falhas que deploramos, cremos que o suficientemente. O Santo Padre em sua exortação "Menti Nostrae" enumera

---

(12) A experiência de vários casos nos fazia pensar assim há anos, e encontramos agora confirmado isso mesmo no ótimo livro "Castità Perfetta" do Pe. Talone, M. S. C., embora se refira quase exclusivamente a religiosas. Fala de religiosas que professaram sem o preparo suficiente e mais tarde sentem a realidade nunca pensada "molto spesso combatutte anche sulla verità della loro vocazione. E i loro dubbi al riguardo non sono sempre delle tentazioni soltanto!" (ob. cit. pág. 18). O mesmo autor observa com muitíssimo acêrto, a nosso modo de ver, que: "Può essere interessante notare como nei seminari maggiori e negli studentati religiosi non mancano le defezioni proprio negli anni que precedono la preparazione al sacerdozio. Non si può sempre dire que si tratti di vocazione perdutta, piú semplicemente si deve ammettere che una volta passato il periodo della pubertà e quello immediatamente seguente, una volta che si é raggiunto un maggiore assestamento della parte sensibile, é più facile misurare le proprie attitudini alla vita sacerdotale e religiosa, valutare le propensioni e prendere una decisione. Il più delle volte, il motivo, evidente o meno, dei ritorni in dietro é la castità", (ob. cit., pág. 26, nota 1).

"la dissolutezza dei costumi", "gli alletamenti del vizio che sono cosi frequente ed insidiosi", "quella eccessiva libertà che s'introduce sempre più nei rapporti tra i due sessi".

E não nos esqueçamos dos veículos transmissores e multiplicadores dêsses perigos e que entram com não pouca frequência no ambiente dos claustros: cinema, rádio, revistas ilustradas e mundanas, televisão. (13) Pior ainda seria se se facilitasse a assistência a cinemas, teatros e óperas ou não se vigiasse eficazmente para que os religiosos não frequentassem esses lugares, sobretudo em sessões noturnas.

4) A febre da agitação em que vive a sociedade de hoje e na qual se vêm envoltos os religiosos frequentemente em razão das formas de apostolado em que se devem ocupar. Êsse ativismo exagerado seca muitas vezes as fontes da vida interior, e já sabemos com que possíveis consequências para a castidade do corpo e do coração: produz o esgotamento físico e nervoso facilita as quedas.

Temos no Brasil o problema do imenso campo de apostolado com necessidades extremas para o escasso clero, o que obriga frequentemente os Superiores a lançarem mão de religiosos demasiadamente jovens para apostolados que requereriam mais idade e virtude mais provada, ou a sobrecarregá-los de trabalhos com prejuizo da necessária vida de piedade e de observância regular, salvaguardas da virtude e em particular da castidade.

5) A falta de vigilância paternal por parte de não poucos Superiores, eles mesmos vítimas da agitação hodierna e sem tempo e sem paz de espírito para cumprirem o grave dever de dirigir e governar os religiosos a si confiados. A esta causa se reduz o abandono em que se podem ver certos religiosos em ocasiões de amarguras, de tribulação, de fracassos; e sabido é que o espírito que sofre sem conforto, está mais exposto a procurar consolações vedadas pela sua vocação e estado.

---

(13) Ouçamos o parecer de um médico: "En outre, il y a des sollicitations trés directament sexuelles, les multiples occasions de tentations de la civilization contemporaine: rancontres de la rue, spectacles, lectures... Si donc il faut être chaste, et si cela est difficile, la conclusion s'impose: il faudra suivre une technique, pour prendre un mot à allure scientifique, pour acquérir et maintenir une telle maitrise de soi. Cette technique comporte des régles d'hygiéne prysique, de discipline psychologique, voire d'ascése religieuse, que nous ne pouvons qu'esquisser ici,..." (R. Biot: "Le Corps et l'Ame" pág. 192, ed. Plon. Paris).

6) A falta de vida familiar religiosa em muitos conventos, reduzidos a três ou dois religiosos, que pouco se encontram, que já não fazem mais seus atos comuns de piedade, que não têm juntos suas horas de religioso espairecimento, que se agitam cada um de seu lado e, à força de estarem em contacto com o mundo, perderam o gosto pela vida de sua casa religiosa. Vivem sem o confôrto do amor de seus irmãos, necessidade psicológica de um coração que renunciou às doçuras de uma família.

7) Outro escôlho para a castidade é o costume que tende a generalizar-se, de receberem-se senhoras e moças para orientação espiritual nas salas de visita. Deveriam restringir-se esses ministérios sòmente ao confessionário. A Igreja nos can. 909 e 910 dá normas rigorosas sôbre o lugar em que se deverão ouvir as confissões de mulheres. Não se venham a iludir essas normas sob o pretexto de direção. A êsse propósito prescreve o Conc. Plenário Brasileiro, can. 243: "Confessarii numquam sinant ut mulieres, ante vel post confessionem, coram se sistant ad suas angustias pandendas, et alia hujusmodi, neque eas, confessione peracta, in sacrarium vocent neve alloquantur, nec, nisi justa de causa, domi excipiant vel visitent, nec ab eis munuscula vel litteras acceptent aut mittant"

Pe. João de Castro Engler. C. M. F.

O MOVIMENTO MISSIONÁRIO NO BRASIL

Pe. José Vicente Cesar S. V. D.

O Brasil é o país do futuro! Eis uma afirmação que no campo econômico e político ninguém ousa pôr em dúvida. Mas em relação ao problema religioso, em relação ao cristianismo, qual é a atual, e qual será a futura contribuição desta grande nação católica para a Igreja, para a difusão da Fé? Esta comunidade católica que presentemente é a mais numerosa do mundo, qual a parte que lhe toca na obra por excelência da Igreja, a propagação da Fé entre os infiéis?

No Brasil, onde problemas os mais complexos se estão resolvendo no curto espaço de meio século, a idéia missionária ficou longo tempo esquecida. Desde a expulsão dos Jesuitas em meados do século XVIII, a Igreja passou por longo calvário, por mais de cem anos, mal podendo sustentar-se nas posições conquistadas, oprimida e agrilhoada pelo poder de um govêrno, oficialmente católico. Mas pelos fins do século passado, começou nova fase de florescimento para a Igreja Católica, debaixo das novas orientações do imortal Leão XIII. Nesta ocasião já existia no Brasil a Pontifícia Obra da Santa Infância, fundada em 1843. Nesta emprêsa, a pioneira do movimento missionário em terras de Santa Cruz, — distinguiu-se o grande apóstolo **Pe. Pedro Zingerle, C. M.**, que percorria todo o Estado nordestino do Ceará, nos labores da Obra, dando-lhe surto considerável. Com o correr dos anos, porém, foi anexada à Propagação da Fé, e nos últimos tempos, quase desapareceu, não se distinguindo mais da campanha missionária do Domingo

Universal das Missões. Há pouco tempo a Obra da Santa Infância foi entregue aos Padres do Espírito Santo. A séde se instalou provisóriamente, no Palácio São Joaquim, no Rio de Janeiro, sendo para esperar um novo surto da Obra no Brasil, onde lhe aguarda uma grande missão.

I. — INÍCIOS HISTÓRICOS

1) **Semana Missionária.** — A Exposição Missionária Vaticana do Ano santo de 1925 foi marco decisivo na história do movimento missionário mundial. Também a Terra de Santa Cruz gozou das benfazejas consequências daquela magnífica Exposição. O futuro Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, então arcebispo - coadjutor, D. Sebastião Leme da Silveira Cintra, estava entusiasmado com as grandes realizações missionárias de Pio XI. Outubro de 1926 virá pois assinalar o grande marco do desenvolvimento missionário no Brasil. Nesta ocasião todo o país foi sacudido pelos ecos da Semana Missionária, realizada na Capital da República, por iniciativa do apostólico e operoso D. Leme. A alma desta grande nação católica vibrava de amor e entusiasmo pela Santa Igreja, por seu Augusto Soberano Pio XI, e seu inflamado zelo missionário. Em meio a todo êste ardor foi instituida, aos 2 de Outubro de 1926, durante a Semana Missionária, a "Unio Cleri pro Missionibus", U. C. M.

2) **U. C. M. — A "União Cleri pro Missionibus"** gozou de considerável florescimento sob a presidência do Eminentíssimo Cardeal Leme, nomeado para tal encargo a 1.º de Outubro de 1937 pela Sagrada Congregação de Propaganda Fide. As realizações do grande purpurado ficaram porém limitadas ao âmbito de sua arquidiocese, o que se explica pela precária saúde de Sua Eminência, e pela vastidão imensa do país, sem falar no excesso de trabalhos do clero em todas as regiões. A revista "A Messe" escrevia nesta ocasião: "Está fundada entre nós a União Missionária do Clero". Mas, com imensa dor, continua: "Apesar da propaganda feita nêste sentido por algumas almas de eleição, as adesões não têm correspondido ao trabalho aturado destes apóstolos do Senhor. Temos já alguns associados, colhidos no bom campo do clero brasileiro".

Com o falecimento do Cardeal Leme, em 1942, a obra desapareceu praticamente. Aos 7 de Março de 1946 foi-lhe nomeado um segundo Presidente Nacional, na pessoa de Sua Eminência o Sr. Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara, e para Diretor Nacional, Mons. Armando Lacerda. Como órgão

Nos últimos tempos o órgão oficial era "A Messe", que infelizmente suspendeu sua publicação, achando-se assim a U. C. M. sem órgão oficial. "A Messe", publicada mensalmente pelos Jesuitas, era de boa apresentação, e trazia artigos variados sôbre as missões. Como órgão oficial da U. C. M. ultimamente, tinha tomado outro aspecto, e novas diretrizes. Desde 1932 se apresentando com muita regularidade. A "Fides" foi fundada em 1931, como órgão oficial da Obra Pontifícia da Propagação da Fé no Brasil. Ultimamente tem se ocupado quase exclusivamente com os resultados das arrecadações da Campanha Missionária para o Domingo Universal das Missões, sobretudo os estudantes.

3) **Congregações Religiosas** — Cumpre lembrar aqui, de passagem, a "Estrela das Missões", — a pioneira das publicações missionárias no Brasil — que desde Junho de 1926 aparece regularmente cada mês, como suplemento gratuito do semanário "Lar Católico", editado pelos Missionários do Verbo Divino. Apesar de sua modesta apresentação, tem produzido um bem incalculável, já por ser a única no gênero, já por ter tido larga difusão como suplemento do conhecido "Lar Católico". A "Estrela das Missões" tomou, no último decênio, feição mais imponente, passando a ser publicada duas vezes ao mês.

De resto, mencionem-se também a "Liga das Missas pró-Missões", que a Congregação do Verbo Divino transplantou da Europa para o Brasil. O apostolado "Alma por Alma" tem muita aceitação por parte do povo. Nos colegios salesianos, trabalham as tradicionais Companhias Religiosas. Associações semelhantes, embora não de caráter puramente missionário, têm as outras congregações religiosas, permitindo aos fiéis uma colaboração mais intensa em suas obras apostólicas.

II. — O BRASIL DE HOJE

1) **Obras Pontifícias.** — O movimento em pról das missões tornou-se dia a dia mais agigantado. A Obra da Santa Infância conta ainda com muitos núcleos associados. Com a nomeação oficial dos atuais dirigentes, é de esperar que se espalhem de norte a sul do Brasil, e mais ainda da que esta obra tão cara aos papas, seja compreendida por todos os brasileiros. A U. C. M. sob os auspícios de S. S. o Papa Pio XII e ante as insistências do Sr. Núncio Apostólico D. Carlos Chiarlo, está-se espalhando por todas as dioceses, prometendo grandes realizações para um futuro próximo. As circunstâncias

ainda não permitiram a realização de um Congresso Nacional da U. M. C. e nem se pode precisar exatamente qual o número A Messe publicou alguns nomes... mas muito poucos..., e o número atual dos membros inscritos que, dia a dia, vão engrossando suas fileiras. No presente cabe à Obra da Propagação da Fé, dirigida, com muita competência, pelo zeloso P. Dictino de na Parte, CMF., o papel principal em incentivra o ardor missionário a largos passos. A Campanha em pról dos donativos pelas missões atinge cifras consideráveis. O Brasil, que decênios atrás não dava à Santa Sé metade da quantia destinada às próprias missões brasileiras portanto o nosso indígena era evangelizado com as contribuições estrangeiras — o Brasil de hoje já ocupa o 5.º lugar entre os países que mais cooperam financeiramente pelas missões da Igreja.

As estatisticas oficiais de 1950, nos apresentam o seguinte quadro:

Países	Arrecadações em Cr$	Média por pessoas
Estados Unidos	69.655.606,00	Cr$ 2,50
Canadá	8.818.181,00	" 1,53
Bélgica	7.696.969,00	" 0,92
França	7.066.060,00	" 0,20
Brasil	6.333.333,00	" 0,13
Itália	4.242.424,00	" 0,09

(O Brasil em 1953 atingiu 12.000.000,00 segundo a "Fides"). Segundo as estatísticas de 1950 já superamos a católica Itália, cuja população é pouco inferior à nossa. O Brasileiro já deu 4 centavos a mais que o Italiano. A continuar assim, após um conhecimento cada vez mais profundo e consciente da Obra Missionária, o povo brasileiro — a maior comunidade católica da Igreja — ocupará o lugar relevante que lhe compete na propagação do Reino de Deus. O povo realmente ainda não conhece a magnitude da causa, por isso também as contribuições pecuniárias são reduzidas. Poucas paróquias relativamente tomam parte ativa e intensa na Campanha de Outubro. Poucos são até os que sabem distinguir as diversas acepções do vocábulo "missões", que aqui mais comumente é dado às "missões populares". — Os colégios católicos — que no Brasil são a maioria — constituem a maior fonte de rendas da Obra da Propagação da Fé. E' admirável o entusiasmo de nossos estudantes, angariando muitas esmolas por ocasião da Campanha Missionária de Outubro. Para isto constatar-se é só tomar a revista "Fides", onde estão

consignados todos os resultados. Nos últimos anos, p. ex., têm disputado a "Bandeira Pontifícia" os 3 rivais: o Colégio Santo Inácio (no Rio de Janeiro) São Luis (em São Paulo), ambos dos jesuitas e o de São Bento (em São Paulo). Em 1953 o colégio São Bento levou a palma do campeão com Cr$ 550.000,00. O colégio São Luis com Cr$ 450.000,00 e o de Santo Inácio com Cr$ 300.000,00. Os colégios femininos não ficam atrás. O "Sacré Coeur de Marie" (Rio) pela 4.ª vez bateu recorde em 1953 com a quantia de Cr$ 270.000,00, seguido de perto pelo colégio "Sacré Coeur de Marie (de São Paulo) com Cr$ 250.000,00. Entre os seminários sobressai o da arquidiocese de São Paulo (Seminário Central) que arrecadou Cr$ 50.000,00 em 1953 e Cr$ 92.000,00 em 1954. Entre as paróquias há disputa. Em 1950 estava na frente a de São José do Ipiranga com Cr$ 104.000,00 (São Paulo). Em 1953 Açuí (Espírito Santo) com 94.000,00, em 1954 Santo Afonso (Rio) com Cr$ 110.000,00. Quando a convicção interna e consciente da magnitude da causa missionária, vier fundamentar estes esforços admiráveis, então a juventude estudantil brasileira poderá colocar-se ao lado de suas irmãs das outras grandes nações missionárias.

2.º **Penetração da idéia missionária.** A penetração da idéia missionária no Brasil ainda está nos começos.

a) Felizmente não tem faltado em todos os recantos do país as Semanas Missionárias, Conferências, os Círculos de Estudos, as publicações ocasionais, etc. As exposições missionárias estão em voga, principalmente por ocasião dos Congressos Nacionais. Clerigos e leigos, religiosos e religiosas, todos externam continuamente seu zêlo e dedicação pelas missões com suas preces e sacrifícios. E' com verdadeiro entusiasmo e sincera comoção que os brasileiros assistem a partida dos filhos do Brasil para os campos das missões. Temos segundo as pesquisas da revista "Estudantes Missionários" os seguintes dados de missionários brasileiros: Da Campainha de Jesus: Pe. Luis Bonfleur, Fratres Querino Weber, José Brand, Beno Wagner, Leopoldo Weber, Vendelino Lorscheiter Pe. Sebaldo Bruxel, Pe. Arcádio Schwde todos eles destinados ao Japão. Os Filhos de Dom Bosco conta com os seguintes missionários: P. Giacomino (China), Pe. José Franca (India) Pe. Sebastião Carvalho (India). A Congregação do Verbo Divino enviou Pe. Otto Weltér (África) Pe. Leopoldo Jarek (Filipinas) Pe. Nicolau Jes (India), Pe. Domingos Sary (Nova Guiné) Pe. Luis Gusmão (India). Os C. M. F. cantam com o Pe. Romário Jarussi (Japão) e Pe. Geraldo Moreira (Japão). Os Irmãos Maristas !também contam com os seus que são: Irmão

Moisés Abilio, Fábio Valério (Africa) e outros que não temos o nome. As irmãs não ficam atrás. As irmãs de São Vicente de Paulo contam com irmã Barreira (China) irmã Bastos e irmã Santos (China) as 3 foram expulsas pelos comunistas em 1951. As irmãs Castro, Bastos, Cardoso, Abreu, Bezerra, Correia (Madagascar). Das irmãs de São José temos ainda a Irmã Maria das Santas Chagas Lemc. Fora destes mencionados há provàvelmente muitos outros que seguiram para o campo das misões.

b) Quanto à imprensa missionária nos falta muito. Em Juiz de Fóra a Congregação do Verbo Divino manteve desde 1925 um centro de informações missionárias com a publicação da "Estrela das Missões. Em São Paulo publica-se a "Fides", Órgão Oficial da Obra da Propagação da Fé. Ainda em São Paulo publica-se a revista "Estudantes Missionários" Órgão Oficial da CME (Cruzada Missionária de Estudantes. No mais, a todos os bons jornais do Brasil é fornecida a "Agência Missionária SVD". de distribuição gratuita e semanal, contendo notícias recentíssimas das missões e a "Agência Salesiana" quinzenal, com as mesmas finalidades. E as demais Congregações Religiosas não deixam de, em suas publicações de âmbito mais restrito, publicar notícias sôbre as realizações missionárias.

c) C. M. E. — Cruzada Missionária de Estudantes. Como em outros países católicos, também no Brasil foi fundada a Cruzada Missionária de Estudantes (CME.), tendo como programa a Oração, Estudo e Propaganda pelas Missões. As primeiras tentativas desta mobilização geral da Juventude estudiosa apareceram em 1920 com a revista "Legionários das Missões". A honra desta nobre iniciativa coube à Companhia de Jesus.

Seis anos mais tarde foi publicada a "Juventude Missionária", revista mensal ilustrada editada pelos filhos de Dom Bosco. Mais novo impulso à idéia deram ainda os jesuítas em 1935. Formou-se então a Liga Missionária de Estudantes, cujos estatutos foram publicados. A direção foi confiada ao redator da revista "A Messe".

Desde 1945 no Seminário do Espírito Santo, em São Paulo, preparou-se um ambiente favorável para levar adiante a obra da C. M. E. Aí todos os seminaristas trabalhavam em máxima atividade numa estável organização bem fundamentada, a "Academia Missionária". Esta, dispondo de sortida bibliotéca missionária, de fichários, cartótecas, filmoteca, filatelia, e material de propaganda em geral, tornou-se poderoso foco donde se irradia a

idéia missionária por todo o Brasil. Dispõe também de serviço organizado para intercâmbio das melhores revistas missionárias do mundo inteiro. Envia regularmente propaganda missionária para todo o Brasil. — Preparado, pois o terreno, foi lançada a semente, formando-se a 25 de março de 1947 o primeiro círculo missionário de estudos da futura Cruzada Missionária de Estudantes do Brasil. Superando dificuldades enormes de todo o gênero, vem lutando tenazmente durante 8 anos, procurando entusiasmar a juventude brasileira pela sublime causa das missões. Já há cinco anos que está sendo publicado o Órgão Oficial da C. M. E. a revista "Estudantes Missionários" que orienta os vários núcleos da Cruzada, espalhados por todo o território nacional. O programa é simples e conciso: Oração, Estudo e Propaganda.

Este movimento missionário estudantil obteve a aprovação jurídica e eclesiástica do Sr. Cardeal - Arcebispo de São Paulo aos 7 de julho de 1955, sendo também aprovados os respectivos estatutos, e já conta com 28 grandes centros entre colégios e seminários. Tendo, assim crescido lentamente, está aguardando o pronunciamento autorizado da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, para então poder desempenhar de modo mais eficaz sua finalidade no meio estudantil de todo o país.

Eis em breve traços o que é o Brasil missionário. Os olhos do mundo todo estão voltados para esta grande nação sul-americana, tôda moldada de cultura cristã se radicada no sentimento religioso português, e espera êsse grande bloco católico se vá tornando uma grande potência missionária da Santa Igreja.

O SERVO DE DEUS PE. LUIZ GUANELLA

Pe. Mario Versé, S. C. no 40.º Aniversário da Morte.

No dia 24 de Outubro, os religiosos "Servos da Caridade" que mantêm no nosso País 5 orfanatos, comemoraram o 40.º aniversário da morte do Servo de Deus Pe. Luiz Guanella, Fundador da mesma Congregação, cujo programa foi: "In omnibus charitas", deixando para os seus filhos espirituais o lema: "Orar e sofrer".

Grande Apostolo de Caridade do nosso século, foi colaborador e discípulo de São João Bosco e grande amigo do S. Pio X, que o definiu "um verdadeiro santo".

Luiz Guanella nasceu em Fraciscio, diocese de Como, na Itália, aos 19 de dezembro de 1842. Passou os primeiros anos junto aos pais, exemplares e fervorosos, e a numerosos irmãos e irmãs, ajudando nos trabalhos agrícolas e distinguindo-se logo pelas suas virtudes.

Almas generosas, intuindo o grande futuro do pequeno Luiz, o ajudaram, proporcionando-lhe estudos, meios econômicos e a entrada no Seminário diocesano de Como.

Foi ordenado sacerdote aos 26 de maio de 1866 pelas mãos do Exmo. Bispo de Foggia, Mons. Bernardino Frascolla, que se achava em Como, exilado pela maçonaria. O neo-sacerdote iniciou o sagrado ministério com grande fervor, coroado de grande sucesso.

Desejando socorrer as almas, cultiva com amor as vocações religiosas e sacerdotais; para alimentar as inteligências escreve livros de natureza reli-

giosa e apologetica, merecendo assim particular destaque entre os pioneiros da imprensa católica e os defensores da fé em sua época.

Tendo despertado a opinião pública contra as diabólicas ciladas da maçonaria e contra os perigos do liberalismo e modernismo, seu Nome passou para a lista negra; daí perseguições, guerra súbdola e atiram nas ondas furiosas de dolorosos acontecimentos, enquanto a Divina Providência o guia rumo à meta de seus adoráveis desígnios. Nêsse período de lutas e contrariedades, inclusive a incompreensão do próprio Bispo, que o chamava de imprudente e doido, o Pe. Guanella acha alívio e compreensão no encontro com São João Bosco, aos 29 de janeiro de 1875, permanecendo pelo espaço de 3 anos ao lado dêste grande Apóstolo; teria gostado permanecer sempre junto a um pai tão bom e a um mestre tão sábio!... Mas não era essa a vontade de Deus. Enquanto Dom Bosco queria enviá-lo às Américas, para iniciar importantes fundações, o próprio Bispo o chama com urgência, confiando-lhe cargos pastorais na própria diocese.

No ano de 1883 é nomeado Diretor Espiritual de Pianello Lario e é aqui que o nosso santo encontra um ambiente menos contrário para a realização de seus sonhos apostólicos, e inicia suas obras de assistência aos pobres e aos humildes. Pianello Lario é o berço das suas instituições caritativas. O antecessor Pe. Carlos Coppini tinha fundado um pequeno abrigo para órfãos e velhos inválidos, e dirigia um grupo de almas generosas visando organizar uma congregação religiosa; mas tudo ia fracassar com a morte do santo sacerdote. Pe. Guanella aceitou aquela herança, desenvolvendo-a; aperfeiçoando-a, dando-lhe organização. Mais tarde estava em condições de transportá-la para a cidade de Como, numa casa alugada, que depois se transformou na atual "Casa Divina Providência" casa mãe das obras guanelianas.

A nova instituição progride milagrosamente, apesar das inúmeras contrariedades, sempre com falta de recursos, numa extraordinária pobreza, mas com generosidade de sacrifícios.

A Casa Divina Providência abre suas portas a todos os necessitados: órfãos, velhos, débeis mentais, aleijados e desamparados; para todos está aberto o coração de Pe. Guanella.

Naquêle tempo foi eleito Bispo de Como Mons. Andrea C. Ferrari,

futuro Cardeal Arcebispo de Milão; o jovem Prelado soube compreender e animar o santo Sacerdote.

E o progresso continua!... No ano de 1889 compra em Lora (Como) uma fábrica de tecidos que transforma na futura Casa Mãe da Congregação feminina, que chamou de "Filhas de Santa Maria da Providência".

Quanto Êle tentou, sofreu e trabalhou para conseguir os primeiros colaboradores, só Deus sabe! No mês de janeiro de 1895 o Cardeal Ferrari ordenou o primeiro Sacerdote da Congregação, Pe. Pedro Moroni, um pobre clérigo, de saúde muito fraca. Depois vieram outros, mas à custa de quantos sacrifícios!...

Organizada a Congregação masculina, que chamou de "Servos da Caridade", o Pe. Guanella resolveu fundar novas instituições. Surgem assim, em Milão, a Pia Casa dos Pobres e o Instituto São Caetano, um complexo de obras sociais, que foram apelidados "bazar da caridade"

E depois, como por milagre, surgem inúmeras obras: são creches, são asilos para velhos, são orfanatos, hospitais e abrigos para débeis e aleijados

Em Roma o próprio S. Pio X o anima para que quanto antes sejam abertos abrigos para os muitos necessitados daquela capital; em breve funciona o "Abrigo São José" e o "Instituto Santa Maria da Divina Providência". O Pe. Guanella é chamado frequentemente pelo S. Padre que quer saber do andamento das obras; interêsse que é sempre acompanhado de generosas esmolas. S. Pio X dá disposições para que, chegando ao Vaticano, o Pe. Guanella, seja logo admitido à sua presença, acrescentando: — o Pe. Guanella não pode esperar!... Tem tantos pobres para cuidar!... A obra de Roma é caracterizada pela preferência que é dispensada aos débeis mentais e aos mutilados, e se torna logo muito popular e benquista pelos romanos. Mas um sonho radioso brilhava na mente dêste Servo de Deus! Êle queria elevar um monumento perene de fé, no centro da cristianidade. Conseguiu juntar 2 mil liras e logo comprou terreno pelo valor de 70 mil; construiu uma pequena igreja que logo foi apelidada pelos romanos de "basiliquetea", aprontou uma cozinha e logo começou a distribuir sopas aos meninos pobres e assim foi fundada a Paróquia de São José, no bairro de Trianfale. A "basiliqueta" torna-se logo insuficiente, e Pio X animou o Pe. Guanella para que construisse logo uma grande igreja, financiando a iniciativa

em grande parte. Queria o Santo Pontifice prestar uma homenagem a São José, santo do qual levava o Nome. O magnifico templo tornou-se depois um monumento comemorativo de dois jubileos do Papa: 50º de Sacerdócio e 25º de Episcopado. A' construção, efetivamente iniciada em 1909 foi inaugurada em 1912. O templo de São José "al Trionfale" responde aos desejos do S. Padre e ultrapassou tudo o que na sua humildade, o Pe. Guanella tinha imaginado,

Com o decorrer dos anos a ameaça de guerra torna-se realidade: Pio X está preocupado. Então, com o pensamento em tantas almas que se iam perder, o Pe. Guanella funda, com a benção do Papa, aquela maravilhosa Cruzada, chamada "Pia União do Trânsito de São José, para os moribundos" Vem a guerra, com todas as suas consequências; Pio X morre, verdadeira primeira vítima. O Servo de Deus chora, reza, e também se dispõe para sua última viagem.

Uma improvisa doença o abate; a sua cama transforma-se numa cátedra de bom exemplo. Ele anima a todos, dá preciosos conselhos, repete seu programa: Orar e sofrer!... In omnibus charitas!...

O novo Papa Bento XV envia sua apostólica Benção; muitos Bispos acorrem à sua cabeceira, todos querem uma sua bênção, a' bênção de um Santo! Morre o Pe. Luiz Guanella aos 24 de outubro de 1915.

Choram-no seus filhos espirituais, os "Servos da Caridade" e as "Filhas de Santa Maria da Divina Providência", os seus pobres; foi homenageado pelos mais eminentes italianos e altas figuras do mundo inteiro; seu nome vive na glória dos imortais.

Seus venerados restos mortais, descançam numa cripta da Casa Mãe da Congregação, em Como.

Espera-se agora que a palavra infalível da Igreja, Mãe fecunda de Santos, transforme o túmulo humilde do Servo de Deus em altar glorioso! E' para essa finalidade que os Servos da Caridade, nesta data do Aniversário da santa morte, pedem orações a todas as almas religiosas.

A obra dos Servos da Caridade no Brasil

E' em 1948 que os Servos da Caridade iniciam suas atividades no Brasil.

O Rio Grande do Sul está na vanguarda. Em Porto Alegre foi logo aberto o Educandário São Luiz, à Rua Lima e Silva, 148; segue-se a fundação do Educandário Dom Luiz Guanella, na Vila Ipiranga, construção completamente nova, em fase de acabamento, com capacidade para 300 menores. No mesmo Estado; na cidade e diocese de Santa Maria, os Servos da Caridade aceitaram do Bispo diocesano a "Cidade dos Meninos", em Camobí e "Pão dos Pobres", obras e fundações que foram completamente renovados amplas e modernas construções, com capacidade para 300 meninos. A cidade de Carazinho tem seu "Patronato Santo Antonio", que está funcionando num edifício provisório, enquanto se acha em construção a nova séde; abriga atualmente 72 menores.

O Estado de Rio de Janeiro conta com o "Patronato São José", na cidade de Itaguaí, num edificio adaptado, com 70 meninos abrigados; quanto antes será iniciada uma moderna construção para 100 abrigados.

No Distrito Federal a Congregação tem uma Capelania, no Hospital São Francisco de Paula.

A Congregação tem seu Pre-seminário anexo ao Patronato Santo Antonio de Carazinho (Rio Grande do Sul) Caixa Postal 123; o Seminário é anexo à Cidade dos Meninos - Camobí - Santa Maria (Rio Grande do Sul).

A Congregação tem também 5 casas na Argentina, 4 no Chile e 2 no Paraguai.

"Respice de coelo... vineam istam, quam plantavit dextera Tua... com o Procurador Geral para o Brasil, à Rua Almirante Baltazar, 435.

DISCURSO PRONUNCIADO PELO EXMO. SR. CARDEAL ADEODATO PIAZZA NO ENCERRAMENTO DA CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO AMERICANO NO DIA 5 DE AGÔSTO DE 1955.

(Tradução do texto da importante alocução publicada pelo "Osservatore Romano" no dia 6 de agôsto de 1955).

A celebração desta grandiosa conferência dos venerandos episcopados de tôdas as Nações do Continente Sul-americano marca na história religiosa da América Latina, um acontecimento de importância capital. Foram dez dias seguidos, nos quais com empenho exemplar e estudos profundos foram tratados os mais graves e urgentes problemas da organização eclesiástica e da vida cristã.

Foi uma conferência tão laboriosa quão frutuosa para o futuro de vossas dioceses e de vossos países. Foi aberta no dia seguinte ao inesquecível triunfo Eucarístico com a palavra augusta do Sumo Pontífice, o qual fêz sentir sua presença, portadora de bençãos, durante todo o curso da Conferência sendo Êle mesmo traçado o itinerário preciso de nossos trabalhos.

Apraz-me agora encerrar esta assembléia, com uma passagem apropriada da epístola católica do primeiro bispo de Jerusalém, São Tiago: "**Omne datum optimum, et omne donum perfectum desursum este, descendens a patre luminum**" (Iac 1, 17). Disso tivémos feliz experiência em cada um dos momentos da nossa assembléia. Realmente o Pai das luzes derramou com divina prodigalidade as ilustrações supernas nas mentes e nos corações, abrindo o caminho a soluções por vêzes inesperadas. E é por isso que esta conferência pode considerar-se um "datum optimum" da Sabedoria Divina, um "donum perfectum" do Verbo-Luz, que se tornou guia e pastor de nos-

sas almas. E não se creia que as irradiações celestes se tenham limitado ao ciclo fechado da Conferência. O Pai das Luzes, "**apud quem non est transmutatio nec vicissitudinis obumbratio**" (id,) continuará certamente a derramar seus dons de luz e de graça, para a atuação de tudo o que Êle aqui nos inspirou para maior proveito das dioceses e das almas que vos foram confiadas.

De fato a Conferência se fecha quanto à discussão, mas se abre para a atuação. Abre-se por sôbre o vosso imenso continente, sôbre campos enormes de apostolado, sôbre populações sedentas de luz e de graça, as quais aguardaram rezando o bom êxito da Conferência e agora lhe esperam os frutos das mãos de seus pastores.

E' ainda o apóstolo São Tiago que vem estimular-nos com sua voz firme e quase rude: "**Estote factores verbi et nòn auditores tantum: fallentes vosmet-ipsos**" (id. 22). Ninguém de vós, certamente, quererá enganar a própria conciência e as justas esperanças da própria grei.

A imagem realistica, apresentada pelo apóstolo, do espelho em que um homem reflete "**vultum nativitais suae . . et abiit, et statim oblitus est qualis fuerit**" e a daquêle outro que no espelho se contempla "**in legem perfectam libertatis**" e nela permanece, talvez possa representar uma atitude diversa com relação à Conferência, que foi quase um espelho da realidade, na qual cada um de vós considerou a face de sua diocese ou nação, notou com prazer aquelas feições que correspondem à imagem de Deus impressa pelo Cristianismo, mas encontrou também, com pesar, as sombras, as deformações, os sinais que costumam preceder a paralisia e a morte, e juntamente com os outros estabeleceu os remédios necessários e adequados. Ora quem há de querer ser "**auditor obliviosus factus**"? Não está antes cada um de vós firmemente resolvido a ser "**factor operis**" para se tornar "**beatus in facto suo**"? (id. 25). O apóstolo, que governou a diocese de Jerusalém por cêrca de trinta anos, e, primeiro dentre os apóstolos, morreu mártir na Páscoa de 62, tem direito de dar a todos nós, bispos e prelados, tal enérgica lição de lealdade e zêlo.

As conclusões da Conferência foram claramente formuladas com critérios de sensata praticidade pastoral. Deve-se, por sem dúvida, admitir que elas representam metas a alcançar tão árduas que exigem esforços contínuos, concordes e pacientes. Deve-se admitir que as condições religiosas de vossas

dioceses não são as mesmas em tôda a parte, e por isso os remédios devem ser aplicados com as necessidades, e as iniciativas devem ser atuadas com criteriosa graduação. E' preciso reconhecer que muitas vêzes vêm entravar a execução de um plano bem meditado, dificuldades diversas; as quais à primeira vista parecem intransponíveis. Mas nem por isso é lícito desistir da emprêsa e descansar, ainda que por um só instante, numa inércia culposa.

Seja-me portanto permitido sugerir, com franqueza fraterna, a linha de conduta, que todo bispo deve seguir para atuar na própria diocese o plano sugerido pela Conferência,

I. — Antes de tudo é necessário que o Bispo tenha em todos os seus atos e movimentos, clara e profunda consciência do próprio dever e dos empenhos assumidos perante Deus, a Igreja e as almas que lhe foram confiadas. Bem sabemos que não são as ovelhas para o pastor, mas é o pastor para as ovelhas. A passagem paulina **"libentissime impendam et superimpendar ipse pro animabus vestris"** (2 Cor 2,15) exprime as disposições habituais de um Bispo consciente nas suas relações com o Clero e com o povo.

Convença-se depois que as propostas enunciadas por esta Conferência correspondem aos verdadeiros e superiores interêsses também de sua diocese, e que portanto devem ser postas por obra com urgência na medida das necessidades e possibilidades reais, mesmo à custa de sacrifícios pessoais.

O Bispo nunca deve esquecer que é um **crucificado**, mas crucificado juntamente com Jesus, que o assinalou de um modo particular com o sêlo cruento do sacerdócio. Por isso êle deve sempre poder repetir a conhecida afirmação de São Paulo: **"Nunc gaudeo in passionibus pro vobis, et adimpleo ea, quae desunt passionum Christi, in carne mea pro corpore eius, quod est Ecclesia, cuius factus sum ego minister"** (Col. 1,24-25).

II. — Virtudes sumamente necessárias ao Bispo são a firmeza em empreender as iniciativas que lhe são propostas, e a constância em levá-las a cabo. Não esqueça que no rito de sua consagração, após o Te Deum de aquela sua "entronização", lhe foi dito solenemente: **"Firmetur manus tua, et exaltetur dextera tua; iustitia et indicium praeparatio sedis tuae"**. Para executar as obras da jusiça, para sustentar o Juizo reto e autorizado não devem faltar ao Bispo uma firmeza e uma constância invencíveis. E medite freqüentemente naquele perfil de Bispo que lhe foi traçado na oração do

Prefácio: "Sit sollicitud'ne impiger, sit spiritu fervens, oderit superbiam, humilitatem et veritatem diligat, neque eam unquam deserat aut laudibus aut timore superatus" (De Cons. Electi in ep.)

III. — Além disso o Bispo deve ter uma confiança iluminada, consciente e sólidamente fundada em motivos sobrenaturais. O desânimo diante das dificuldades das emprêsas apostólicas é máximamente prejudicial, tanto ao próprio espírito quanto ao próprio ministério. O pessimismo é como uma nuvem que esconde a visão da realidade, desfibra o ânimo e entorpece a vontade e a consciência. Tenha pois o Bispo confiança na fidelidade de seu clero, na correspondência de seus fiéis, e também, com sentimento de sincera humildade, nas próprias fôrças auxiliadas pela graça divina.

Observa oportunamente o autor de um livro escrito para os bispos: "Deus tem em todo lugar os seus escolhidos e também nas dioceses menos florescentes sempre há os dez, os quarenta, os cem justos que esperam a palavra de ordem para afirmar-se na sua fé e empenhar-se no apostolado mais fecundo. E' o otimismo sadio — continua o autor citado — que sustenta na luta, soergue na derrota, dá vigor nos contra-ataques, despreza os erros dos adversários e sempre sabe tirar o bem do mal, o proveito dos obstáculos" (**Memoriale vitae et sanctitatis episcopalis**, Tip. Poliglotta Vatic. 1950).

IV. — Em fim, todo Bispo tem sempre à disposição uma fôrça invencível, o recurso Aquele "**qui operatur in nobis et velle et perficere pro bona voluntate**" (Phil 2,13). Em tôda circunstância, em qualquer necessidade, reze fervorosamente e convide a rezar os seus filhos, os sacerdotes, as virgens consagradas, os leigos, entre os quais, nunca faltam almas que vivem intimamente unidas a Deus e podem tornar-se intercessores eficazes. Não é o Bispo o **homo Dei** por excelência? não é o "**Pontifex ex hominibus assumptus, pro hominibus constitutus in iis quae sunt ad Deum, ut offerat dona et sacrificia pro peccatis?**" (Hebr. 5,1).

Assim como em seus lábios a palavra de Deus é a arma da verdade que acha infalìvelmente o caminho do coração humano, assim a sua prece pontifical é a arma da graça que penetra seguramente o coração de Deus.

Foi para mim surpresa agradável achar no livro das Atas e Decretos de vosso Concílio Plenário uma estupenda "**Gratiarum actio et petitio pro**

fidelibus et populis Americae Latinae" (p. CXI), enriquecida de indulgências por um breve de Leão XIII. Faço votos que ela se torne, se ainda, não é oração oficial para ser rezada, talvez traduzida em vernáculo, em tôdas as igrejas de vossas dioceses, pelo menos uma vez por ano, num dia dedicado a preces pela conservação e pelo porvir do Cristianismo na América Latina.

Dentro em breve nos recolheremos para agradecer a Deus "Pai das Luzes" as graças concedidas, à "**Virgo pacis Genitrixque lucis**", que nos assistiu maternalmente, aos Anjos Custódios e aos Santos Protetores de vossas dioceses.

E agora cumpro o dever de exprimir o agrado meu e da Santa Sé a todos os que tomastes parte na Conferência, e de modo especial aos que mais diretamente contribuistes para o êxito consolador dos trabalhos e das resoluções tomadas.

Querendo agora prestar uma homenagem de devoção e gratidão ao Santo Padre Pio XII, não saberiamos melhor formulá-la, do que usando as palavras endereçadas pelo Clero da França a Alexandre VII em 1661: "**Tu es beatissime Pater, in quo et per quem episcopatus unus est; qui merito inde diceris apex saderdotii, fons ecclesiasticae unitat*s, Ecclesiae vertex et princeps episcopalis coronae. Fiat ergo per te ut idem dicamus omnes, et non sint in nobis schismata. Fiat, inquam, pax in virtute tua**".

NO IV CENTENÁRIO DA MORTE DE SANTO INÁCIO DE LOIOLA

OS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS

Pe. José de Oliveira Dias, S. J.

Ocorrendo êste ano o 4.º centenário da morte de Santo Inácio de Loiola, já a Espanha, sua pátria, tem organizado o programa das celebraçõcs duma data, que põc em foco uma das mais relevantes figuras da sua história.

O próprio chefe da nação, generalíssimo Franco, declarou-se particularmente honrado com a presidência da comissão de honra, de que fazem parte as personalidades de maior prestígio na vida nacional, civil e eclesiástica, como o Cardial Primaz de Toledo e alguns ministros de Estado. E quiz o mesmo chefe da nação ir pessoalmente a Loiola, presidir à inauguração do ano centenário a 31 de Julho passado.

Em Barcelona celebrar-se-á um Congresso de exercícios espirituais, mais em plano de vulgarização, ficando ali fundada uma Biblioteca especializada de exercícios, a mais completa que for possível organizar. Biblioteca do mesmo tipo, exclusivamente ignaciana, foi há mais de 50 anos organizada na Bélgica pelo Pe. Watrigant. Pouco depois de começada contava já alguns milhares de volumes; e não podemos fazer idéia, nem temos atualmente dados concretos que nos permitam calcular o seu desenvolvimento. . . . . Por sua vez quis o Papa, em carta dirigida ao Superior Geral da Companhia de Jesus, manifestar como a Igreja não é indiferente às comemorações dêste centenário. De alma e coração se associa a elas Sua Santidade, formulando desde o início os seus votos para que daí derivem abundantes frutos para a Igreja. Há, porém, uma tecla, que lhe aprouve ferir com espe-

cial carinho e insistência: é a que se refere aos Exercícios Espirituais de Santo Inácio.

"Exorto-vos (diz) com paternal afeto, que sobretudo no campo espiritual promovais com o maior zelo todas as iniciativas e obras que Inácio vos confiou há 4 séculos, e que presteis todos os auxílios que permitam satisfazer devidamente às novas e crescentes necessidades do nosso tempo aplicando-vos com maior solicitude e fidelidade aos Exercícios Espirituais do vosso Pai, e dando-lhes maior difusão".

Não resta, pois, a menor dúvida de que no pensamento e nas aspirações do Papa está o ideal que deve caracterizar êste centenário: incrementar a difusão dos exercícios ignacianos em todas as classes da cristandade, e em especial no seio das comunidades religiosas. E oxalá que êste 4.º centenário da morte do seu autor fique marcando na história dos Exercícios espirituais uma época de renascença pujante para êsse ministério sem igual.

Não será, pois, inoportuno dar nas páginas desta revista uma ligeira idéia dêsse edifício ignaciano, da sua estrutura geral da concatenação lógica e do entrosamento arquitetônico das suas partes.

Mas antes convirá recordar ao leitor o apreço em que os Exercícios ignacianos foram tidos pelos Sumos Pontífices, por alguns Santos mais esclarecidos da Igreja, e por outros mestres especializados na matéria.

Nem será fora de proposito fazer também uma apresentação sumaríssima de algumas notas ignacianas, que prefaciam ou acompanham o andamento das meditações e que esclarecem e orientam o exercitante nas vicissitudes várias que poderá atravessar. São também parte integrante do livro dos Exercícios.

Apreciações autorizadas.

Já a 31 de Julho de 1548 Paulo III (dir-se-ia que se antecipava a celebrar-lhe a festa a 8 anos de distância (1) dava o Breve Pastoralis officii, pre-

(1) Efetivamente 31 de Julho era o dia em que Inácio havia de morrer em 1956, e que ficaria perpetuado no calendário litúrgico, depois da sua canonização, para a celebração da sua festa.

clara apologia dos exercícios e do seu autor, em que louvava, patrocinava e recomendava a todos os fieis o uso de tão eficazes meios de santificação.

E Pio XI ao declarar na Constituição Apostólica "Summerum Pontificum" de 25 de Julho de 1922 Santo Inácio Patrono de todos os exercícios espirituais, lembrava o nome de outros Papas que os elogiaram, como Bento XIV, que deu o nome de livro admirável à obra inaciana dos Exercícios, Alexandre VII, Leão XIII, Pio X; e de Santos, como São Francisco de Sales, São Carlos Borromeu, São Leonardo de Porto-Maurício, Beato Avila, etc.

Alexandre VII e Bento XIV concederam indulgência plenária a quem fizesse os exercícios ignacianos durante qualquer número de dias. E todos os Pontífices concedem ou confirmam a concessão da Benção papal com a respectiva indulgência plenária com que se costumam rematar, em benefício dos exercitantes.

Saíram de pena bem autorizada estas palavras:

"Depois da Bíblia é êsse o livro mais divino de que tenho conhecimento. Nada do que nêle se encerra lhe foi fornecido por outros livros; foi o Espírito de Deus quem ditou aquelas páginas. Os outros livros saem mais ou menos das bibliotecas, que são os arquivos da palavra humana; êste é o fruto da solidão, onde só Deus é escutado. E' por isso que ao percorrer todas as obras do gênio, desde a Cidade de Deus até à Suma de Santo Tomás, não encontro uma só de que eu me gloriasse mais de ser autor. Nenhum livro conseguiu como êste abalar, apaixonar e reformar o mundo. Foi na meditação da sua doutrina que em Trento se renovaram os renovadores da catolicidade. Por meio dêle refloresceu a disciplina monástica, lavraram-se as nódoas que maculavam a casa de Deus, e o Episcopado inteiro, representado por São Carlos Borromeu, exclamou ao folheá-lo: Esta é tôda a minha biblioteca". (2).

E o Padre Manuel Bernardes:

"O livrinho destes grandes exercícios, que compôs êste grande Patriarca, é o de quem disse o glorioso São Carlos Borromeu, falando com

---

(2) Caussette, *Mélanges Oratoires*, T. I., página 206.

o duque de Mántua, que gabava muito o número so e exquisito da sua livraria: **Na algibeira trago eu um livrinho que vale mais que todos estes".** (3).

A o grande asceta espanhol, Ven. Padre Luis de la Puente, exteriorizando o que a experiência lhe fizera sentir, não hesitou em escrever:

"Dêste livro pode dizer-se o mesmo que do reino dos céus, cujo caminho ensina, e o mesmo que da Escritura, em cujo espírito se inspirou: **é semelhante ao grão de mostarda, que, sendo pequenissima semente, cresce a ser arvore, em cujos ramos vem poisar as aves do céu.** O livro dos Exercícios, a não considerar-se nêle mais que a casca, ou aparência, é um modesto volumezinho, escrito em simplicissimo estilo. Mas, a considerar-lhe o âmago revela uma virtude e eficácia um calor e elevação de sentimento, e uma abundância de matérias verdadeiramente admiráveis. Aparece-nos então como arvore frondosa, sôbre cujos ramos poderão achar descanço e espiritual alimento, aqueles que, como aves do céu, se elevam pela contemplação, e, segundo a expressão do Apóstolo, habitam com o pensamento no céu". (4).

Ao mesmo coro encomiástico se associa Frei Luis de Granada, autoridade que na matéria é de incomparável peso, testemunhando que a vida inteira lhe não bastaria para explicar as eternas e divinas verdades que os Exercícios lhe tinham revelado.

Mudando de estilo, e apelando unicamente para a sua experiência pessoal, não é menos eloquente o sábio Bispo das Canárias, D. Bartolomeu de Torres, ao dizer:

"Os exercicios não são um livro de teoria, senão um livro de prática. Homens aliás de grande talento e cultura intelectual, ao verem a simplicidade e clareza da sua doutrina, tirada dos Evangelhos e dos Doutores, fizeram pouco caso deles. Quanto a mim, tomo a Deus por testemunha, que, em Alcalá, tirei em poucos dias, com a meditação dêsse livro, mais proveito para a minha alma, dos que em trinta anos consagrados ao estudo e ensino da sagrada teologia. Pode-se ser muito inteligente e não alcançar a verdade do

---

(3) Pe. Manuel Bernardes, Nova Floresta, T. III, tit. VIII, n.º LXXXV. *Noticia e Discurso.*

(4) La Puente, *Meditaciones*, T. I. Introd.

que afirmo, porque a especulação não basta para apreciar os Exercícios. É mister praticá-los". (5).

O verdadeiro conceito dos Exercícios espirituais.

E na verdade os Exercícios de Santo Inácio não são para se ouvirem nem para se lerem; são para se fazerem. O próprio título que êle deu ao livro justifica esta asserção **Exercícios Espirituais** é a expressão sintética de atividade, trabalho, aplicação pessoal, dinamismo da alma que se **retira, não para descansar,** mas para se **exercitar.** E por isso é que o nome de **retiro,** que vai prevalecendo na linguagem ascética, não nos parece corresponder plenamente ao genuino conceito de Santo Inácio. Se pela palavra "retiro" se entende recolhimento, estamos de acôrdo. Mas ela não diz tudo. O retirante não se recolhe para buscar repouso numa passividade, mas para, em maior isolamento, refletir, pela reflexão, se aplicar a resolver os problemas mais transcendentais da sua vida.

Ninguém chamará **exercício** desportivo à simples contemplação ou televisão dum jogo de futebol, nem **exercício** muscular à simples assistência a uma exibição de ginástica; como não são **exercícios** militares os estudos teóricos das manobras de soldados. Nestes, como nos exercícios espirituais, o trabalho não pode ser feito por procuração, mesmo se o diretor dos exercícios pretendesse desempenhar êsse papel. Não é êle, são os seus ouvintes que se devem exercitar, como se exercitam os ginastas pessoalmente, embora reproduzindo os movimentos do professor, que nêsse caso também é ginasta.

Não sei se correspondem a êste ideal do Santo Patriarca muitos retiros de hoje, em que os retirantes se não exercitam. Serão exercitados, ou... talvez nem isso.

Assim entendidos os exercícios espirituais de Santo Inácio são na mão do exercitante a arma de que êle se serve para se vencer a si mesmo e as suas afeições desordenadas, e dêsse modo buscar e achar a vontade de Deus, segundo a qual orientará tôda a sua vida.

A sua finalidade.

A êsse trabalho destina o autor dos **Exercícios** 30 dias, divididos em

---

(5) D. Barthol. de Torres, *Apologia Exercitiorum.*

4 semanas, mais ou menos extensas, conforme as circunstâncias o pedirem. O número de dias nestas semanas não é determinado por nenhum calendários. Só depende do fim em vista.

E uma vez estabelecido o fim geral dos Exercícios, o objetivo particular da primeira semana é conhecer e detestar os desvios e extravios de quem perdeu de vista o seu último fim, e firmar-se no desejo intenso de voltar ao bom caminho e de nêle perseverar (6). Êsse caminho é Cristo Senhor Nosso. "Ego sum via. . . (7). "Nemo venit ad Patrem, nisi per me" (8). Seguir êsse caminho é o fim da segunda semana, em que Êle sai ao encontro do exercitante, como modêlo, a cuja imitação deve acomodar tôda a sua vida e modo de ser.

E, como êsse modêlo, Cristo, é o sol da justiça e a luz do mundo, que ilumina os que jazem nas trevas e na sombra da morte, a via iluminativa corresponde bem à segunda semana, assim como à via purgativa corresponde à primeira.

Sendo, porém, Jesus Cristo imitável em qualquer gráu, e com maior ou menor perfeição, tanto na simples observância dos mandamentos, como na guarda perfeita e generosa dos conselhos evangélicos, e imitável em qualquer estado de vida que se abrace dentro da lei do Senhor, é no decorrer desta semana que se tem de determinar a que estado ou gênero de vida é o exercitante chamado, para seguir o divino modêlo. E' o problema da eleição. E, se o estado de vida, já acaso abraçado, é irrevogável, o problema é o de simples reforma que por ventura se imponha, e que, por via de regra, se impõe quase sempre. E' êste o ponto culminante do retiro ignaciano.

A terceira semana tem por fim estabilizar e confirmar o exercitante na forma ou eleição feita, à luz dos exemplos de Cristo padecente. E o mesmo se diga da quarta semana, que parece corresponder já à via unitiva. E' com o prêmio da futura glorificação diante dos olhos, que exercitante se consolidará mais ainda nas resoluções tomadas.

---

(6) Durará maior ou menor número de dias, conforme as necessidades da alma e o gráu de espiritualidade em que ela se encontre já antes de entrar nos Exercícios.
(7) Joan, XIV, 6.
(8) Jl; d.

A duração destas duas semanas dependerá das circunstâncias, e sobretudo dependerá proporcionalmente da duração de todo o retiro.

O livro dos Exercícios e as partes que o constituem.

Entendido o fim a que Santo Inácio encaminha o exercitante, e conhecido o fim peculiar de cada uma das 4 semanas, notemos desde já que as meditações dos exercícios são acompanhados, ou precedidas de avisos, anotações, regras e normas várias de grande oportunidade psicológica, que, entretanto não passam de simples meios, mas eficazes e até certo ponto indispensáveis para guiar o exercitante, não só no trabalho e aperfeiçoamento do retiro, mas também para uma boa orientação da vida cristã, a que se dedicar. São também parte integrante e de certa preponderância as instruções ignacianas acerca da confissão, do exame geral e particular, dos modos de orar vocal e mentalmente, etc. Em particular.

1. — **AS ANOTAÇÕES** têm o caráter duma introdução do exercitante no trabalho a que se vai aplicar. Nelas começa o Santo por justificar a sua definição de **exercícios espirituais**, no sentido atrás exposto, passando logo a esclarecer o seu aspecto prático, e a iniciar o exercitante na compreensão e na execução do que êles exigem, aconselhando e formulando avisos e precauções oportunas.

O objetivo a que tende tôda a contextura dos Exercícios é exposto desde o princípio, como programa que não deixa ilusões a quem o deve conhecer de antemão: libertar o exercitante de tôdas as afeições desordenadas, para que assim, sem nevoeiro que lhe embarace o caminho, e sem o peso de viciosas inclinações, que lhe tolham os movimentos, êle possa mais fàcilmente conhecer a vontade de Deus acerca do seu futuro, que tal é, como dissemos, a meta dos Exercícios bem claramente exposta. E isto, ou se trate de escolher um estado definitivo de vida, ou se trate de tomar uma decisão particular em qualquer conjuntura de perplexidades, em qualquer passo importante que se tenha de dar, que, no caso de eleição errada, não seja possível desandar. Tal seria, por ex. um contrato irrevogável, ou uma irrevogável disposição de bens. E' Deus que tem de nós significar o que mais glorifica a Êle, e nos aproveita a nós para a eternidade. E é à luz dos Exercícios, feitos segundo o critério ignaciano, que temos de o consultar, de ouvir a Sua voz e ver o que Êle quer.

Sabendo já o exercitante o objetivo a que deve mirar e os obstáculos que deve remover para o alcançar, Santo Inácio mostra-lhe ainda em duas séries de anotações sucessivas como se há de aplicar às meditações, a ordem com que elas se processam, o papel que nelas deve desempenhar o entendimento e o coração, o grau de generosidade para com Deus e a liberdade de espírito, de que a alma deve revestir-se sem temores descabidos e sem mesquinhezes.

Dar-se-á por ventura o caso de o exercitante passar por qualquer crise de apatia, com relação aos problemas da sua santificação, do seu futuro, sem qualquer luz que lhe esclareça o espírito, sem qualquer emoção que lhe desperte a afetividade e lhe ponha a vontade em vibração? — Santo Inácio previne essa contingência, ensinando o modo como se deve haver o exercitante, e como deve atuar quem o dirige, ensinando a êste, com prudência realmente sobrehumana, o segredo de dirigir a alma nêsse estado de desolação, sem nela impedir nem dificultar a ação do Espírito Santo.

São realmente inexcedíveis e mais que oportuna essas anotações, em consonância admirável com o livro que elas prefaciam, apontando-nos ainda a utilidade peculiar e os momentos em que devem ser estudadas certas regras e indústrias anexas ao mesmo livro.

2. — Os **preceitos, normas** e **indústrias** para a vida espiritual são também de um grande alcance para a consolidação e aperfeiçoamento do exercitante nos princípios da ascética cristã e para a prática da vida espiritual.

Estão compreendidas sob esta genérica epígrafe as instruções ignacianas sôbre a meditação pelo exercício das três potências e pela aplicação de sentidos, métodos da contemplação dos mistérios, sôbre os três modos de orar, e sôbre as adições; inclui igualmente os métodos de exame geral e particular de consciência, consistindo aquêle numa autópsia geral da alma através dos seus desfalecimentos quotidianos, e êste na fiscalização constante, por singelo processo de contabilidade, de confrontos e de balanços, das perdas e ganhos que a alma de dia para dia vai realizando em ordem à extirpação de um defeito mais arraigado.

Entram ainda nêste capítulo as regras da temperança, as dos escrúpulos e as do descernimento dos espíritos, bem como as regras para sentir com a Igreja e agir segundo o seu espírito, que são como que a pedra de

toque da ortodoxia católica, sem esquecer a decima adição (última da segunda série(com as suas 4 notas, onde se estabelece a natureza uso e regulamento das penitências.

3. — **As adições da meditação.** Finalmente as meditações com a tática da sua disposição e interdependência constituem a parte central e o âmago dos exercícios espirituais ignacianos. E uma vez que nos estamos ocupando dos anexos e acessórios dessa obra e dos seus passos preliminares, acrescentaremos ainda duas palavras sôbre a técnica que Inácio utiliza para iniciar o exercitante no segredo de bem meditar, técnica exposta nas adições e completada ainda no decurso das meditações que vai propondo, e na qual nada devemos ver de artificial e fictício, mas simples meios apenas e indústrias inspiradas pela própria natureza das coisas.

A meditação quotidiana convém seja feita de manhã. São as primícias do dia, que devem ser apresentadas àquele, a Quem de direito pertencem todas as primícias da nossa alma. Mas convém igualmente que seja preparada de véspera, como remate do dia, depositando-se na memória, hauridos de qualquer leitura apropriada, do Evangelho sobretudo, os pontos mais salientes das verdades a considerar no silêncio da meditação. Seguem-se logo as indústrias naturalmente indicadas para afastar do espírito tudo o que seja dissipação, distrações, pensamentos estranhos e inoportunos. Para isso o último pensamento do dia deve ser aquele que há de alimentar o espírito na meditação do dia seguinte. A alma é convidada a recordar de relance, ao adormecer, os pontos confiados antes à guarda da memória, e que com o exercitante hão de despertar na manhã seguinte, acudindo logo à chamada como sentinela do espírito, que durante o sono a ficasse custodiando. Pensamento, portanto, êsse que tomou conta da alma e a não deixa ocupar-se de mais coisa alguma. Chega a hora da sua entrevista com Deus: e como em qualquer outra meditação do dia, (e o mesmo deve acontecer em qualquer ato da vida espiritual), o exercitante por espaço de meio minuto ou menos, toma consciência íntima da presença de Deus que o vê e escuta, considerando quem é e diante de Quem está.

E, naturalmente, persuadido da divina presença, não pode deixar de fazer um ato de adoração, pelo menos interno, para entrar logo a falar com a Majestade divina numa oração preparatória.

Esta oração lembrará ao exercitante que necessita do auxílio de Deus,

mesmo para orar e meditar, e que todas as suás ações, sem excluir a própria meditação, devem ser encaminhadas para maior serviço e glória da Divina Majestade, com a qual vai agenciar os mais importantes interesses da sua alma.

4. **Os prelúdios.** — Mas Santo Inácio não perde de vista o exercitante mesmo depois de o ver ajoelhado diante de Deus. Está exposto ainda a tôda a sorte de divagação, a enxames de distrações, que dum momento para outro lhe podem desviar o pensamento para outras regiões. E, qual anjo custódio que não interrompe a vigilância do seu pupilo inexperiente, procura prender-lhe o espírito a qualquer coisa que o atraia e segure. E' o prelúdio que chama **composição do lugar.** O exercitante arquiteta o cenário, onde se desenrola o mistério que vai meditar, uma espécie de quadro vivo, interno, mais ou ménos realista, mais ou menos idealista, conforme o objeto da meditação.

E' obra da própria imaginação, hábil artista que tem de se pôr ao serviço das faculdades espirituais da alma, como auxiliar indispensável. Assim deve ela reparar tantas intervenções obstrucionistas, como que ordinàriamente embaraça o trabalho do entendimento na sua oração mental. E, como a vontade é muitas vezes cúmplice desses obstrucionismos mentais, pelo menos negativamente, furtando-se a impedí-los quando conscientes e refletidos; assim, para reparar a sua falta, deve também agora comandar a fantasia, nêsse trabalho preparatório de construção.

Evidentemente esta composição de lugar deve ser executada com rapidez, sem nela se gastar tempo além do que se requer. Não é fim, é um simples meio de a alma se preservar, em certa medida, de muitas distrações. Se alguém puder conseguir o mesmo resultado, sem utilizar este meio, prescinda dêle em boa hora.

Mas não se negue a sua oportunidade e eficácia para o comum das almas que oram. Quem é sincero deve reconhecer que mais facilmente se livrará de distrações quem tem diante de si os quadros da via-sacra ao meditar sôbre a Paixão, ou um quadro da Ceia quando medita sôbre a instituição da Eucaristia, do que quem só tem diante dos olhos uma parede, uma estante de livros, ou um simpático colibrií passando revista a todas as flores do jardim e sugando-lhes gulosamente o mel.

Nem se diga que se trata de artifícios estéreis ou de expedientes

pueris. Afinal, para que servem as ilustrações em livros, mesmo didáticos, em tratados de biologia ou de anatomia, por ex., senão para se atender mais ao texto, e diminuir o perigo de divagações para que traça o professor de geometria no quadro negro triângulos, circulos e poliedros, senão para concretizar o abstrato, e para a aplicação mental dos alunos se não desviar das explicações que estão ouvindo?

Faça, pois, a fantasia com a sua potência criadora o que faria o pintor com os instrumentos da sua arte.

Depois da composição de lugar, deve ainda o exercitante reconhecer a sua impotência e dependência com relação a Deus. Sem Êle nada conseguirá. E por isso em novo prelúdio impetratório peça a Deus o que pretende obter — **id quod volo** — e que será um fruto da meditação que o ocupa.

Trata-se acaso dum mistério historicamente realizado, duma realidade, ou de uma verdade com raizes na história, como são os fatos ou os ensinamentos evangélicos? Para êsse caso quer Santo Inácio que o exercitante comece por esboçar rápida e sintèticamente êsse acontecimento histórico, como indicação do assunto, ou programa sumário, do que as faculdades passarão a exercitar nas suas operações.

Assim deixamos sumariamente exposta a minuciosidade de expedientes, que hão de facilitar os resultados a obter por aqueles que a obra ignaciana inicia na arte de meditar com fruto e solidez. Parecerão expedientes desprezíveis e sem grande consistência ascética. A experiência, porém, tem mostrado que a sua eficácia na ordem psicológica e ascética não é para se desprezar.

Falta apresentar ao leitor o que é central e primordial na obra ignaciana: as meditações com a sua inconcussa solidez, com a sua estratégica engrenagem, com a sua conexão lógica e psicológica, com o seu progressivo andamento, segredo de não pequenos prodígios de transformação espiritual que registra a sua história.

Será a seu tempo o objetivo dum novo estudo.

NUNCIATURA APOSTÓLICA DO BRASIL

N.º 2.774

Rio de Janeiro, 21 de Setembro de 1955

Reverendissimo Padre

Com satisfação comunico a V. Revma. que não deixei de enviar Exma. Secretaria de Estado de Sua Santidade uma cópia do "ANUÁRIO DOS RELIGIOSOS DO BRASIL", publicação feita por essa Conferência dos Religiosos.

O Exmo. e Revmo. Monsenhor Domenico Tardini, Pro-Secretário de Estado de Sua Santidade para os Negócios Eclesiásticos Extraordinários, se compraz vivamente com a homenagem, e assim exprime com relação à obra: "A ordenada distribuição da matéria, a exatidão das notícias sôbre as casas e as obras de cada Ordem e Congregação dos Religiosos e das Religiosas nessa República, o acurado elenco alfabético de bem 5.400 localidades, anotando a presença ou não de Religiosos, tornam a publicação verdadeiramente útil e de prática e interessante consulta"

Encarregou-me portanto S. Excia. Revma. de transmitir "a essa Conferência dos Religiosos, e a quantos prestaram sua colaboração para o feliz acabamento do belo volume", a satisfação da Secretaria de Estado.

Levando estes dizeres ao conhecimento de Vossa Paternidade, associando-me plenamente aos pareceres emitidos, faço também os mais férvidos votos para que o ANUÁRIO não pare nesta primeira edição, mas continue mantendo-se atualizado, como exige o próprio significado da palavra, melhorando sempre sua apresentação tipográfica e a perfeição de seus dados.

Valho-me com satisfação da circunstância para renovar a Vossa Paternidade os sentimentos de meu religioso obséquio, com que me subscrevo,

de Vossa Paternidade Reverendíssima
dev. mo in Domino

(a) Armando Lombardi
Núncio Apostólico

Reverendíssimo Padre
Pe. IRINEU LEOPOLDINO DE SOUSA
Secretário da Conferência dos Religiosos do Brasil
RIO DE JANEIRO

CARTA A UMA SUPERIORA

IV

Revma. Madre

Muito grato pela sua carta. Antes de mais nada, quero responder à sua dificuldade: como poderei ter espírito maternal, se eu sou uma das mais jovens de minha Comunidade? Eu tenho vinte e sete anos, e tenho súditas om setenta!

Muito simples a resposta: a sua maternidade é espiritual, e ao mesmo tempo uma maternidade que vem de Deus. Deus mesmo a constituiu como mãe da sua família, dessa família da qual é Êle o grande Pai. Isso tem muita importância para V. Revma. e mais ainda para suas filhas espirituais. Todos os dias elas se aproximam de Deus e dizem: Padre nosso... Todos os dias elas são obrigadas a procurar V. Revma. e dizem: Madre! Êste pensamento deve despertar o espírito de fé, na Superiora e nas súditas.

O primeiro e mais característico traço de espírito maternal é a solicitude. Seja sempre solícita pelas suas filhas. Nenhuma mãe se sente feliz, quando suas filhas não o são. Tenha uma só alma e um só coração com todas elas. Com todos, repare bem! E nêsse "todas" é que está a maior dificuldade. Se "tôdas" tivessem espírito filial, não seria difícil para V. Revma. ter espírito maternal. Mas isto nem sempre acontece. Mas é então que se revela melhor o espírito materno. A mãe sabe falar e sabe calar, ouvir e fazer que não ouve, rir quando o coração sangra, ceder duas vezes, para no fim, ser obedecida uma vez, dar muito amor para receber pouco, sabe sofrer, humilhar-se, dissimular, esperar. O coração materno tem tantos recursos e tantos segredos que nenhuma pedagogia jamais será capaz de ensinar.

Sua solicitude deve ter uma base inteiramente sobrenatural, e, por isso mesmo, comece a ser solícita tratando os assuntos referentes ao govêrno das suas filhas com Nosso Senhor. Governe com a cabeça, pois é Superiora. Governe com o coração, pois é mãe. Governe antes de tudo com os joelhos, pois está em lugar de Deus. Estude os problemas da sua Comunidade diante do Superior e Pai de tôdas as Comunidades, Nosso Senhor.

Servo em Xto.
Pe. Geraldo Fernandes, C. M. F.

DO SERVIÇO DE VIAGENS

1 — Nosso primeiro número, à página 55, publicou o movimento dêste setor da Conferência, até 30 de Maio. Informamos aos Religiosos, que desta data até o presente (10-9-55) foram encaminhadas por êste Serviço 16 viagens aéreas para o exterior, 334 viagens aéreas domésticas, e 25 viagens marítimas para o exterior. O movimento bruto superou a ordem de Cr$ 1.860.384,40 e as bonificações oferecidas pelo Serviço aos religiosos em viagem superaram os Cr$ 393.876,00.

2 — O Serviço criado pela Conferência já se impõe, embora seja tão novo, e é alvo de concorrências, às vezes desleais, da parte de organizações leigas de viagens, ou mesmo de companhias de transporte. À página 57 do número 2 da Revista, preveníamos, em Agôsto, a todos os religiosos, contra pretensos descontos e bonificações. Com muito maior razão, e com a experiência de não poucos casos concretos, voltamos a fazer a mesma recomendação. Há religiosos viajando por preços mais elevados, e que ainda ficam a dever favores. As passagens domésticas são todas tabeladas pela Diretoria de Aeronáutica Civil. As internacionais, pela IATA, e a ninguém é permitido fugir das tarifas estabelecidas. Acontecendo, porém, que em tôda a passagem há uma parcela relativa ao transporte propriamente dito, outra para quota de previdência, e uma terceira de seguro, acrescentando-se o cômputo especial das passagens ida e volta, por regulamento comum beneficiadas com 10% sôbre a tarifa, e considerando-se ainda a diferença de tarifas para aviões mixtos e de luxo, nem sempre é fácil ao passageiro, pouco habituado aos cálculos, verificar a exatidão dos preços de sua passagem. E os "enganos" vêm parar no Serviço de Viagens da C. R. B., muitas vêzes quando já não é possível remediar. Consulte portanto a Conferência, antes de adotar, em forma habitual, a preferência para suas viagens aéreas e marítimas.

3 — Em caso de religiosos que devem vir do estrangeiro para o Brasil, há diversas modalidades de pagamento. Nêste setor, temos encontrado despesas inúteis, por parte de congregações religiosas, por inexperiência, não poucas vêzes, até de dezenas de contos de reis, para grupos de passageiros. As viagens internacionais nunca se resolvem e se fazem de um momento para outro. Há sempre tempo de consultas e informações. No seu próprio interêsse, pedimos aos superiores que, antes de decidirem, informam-se a respeito, na Conferência dos Religiosos. O que temos gasto inutilmente, no conjunto, em viagens que chegaram ao nosso conhecimento depois de reali-

zadas, daria para manter uma casa de formação, não pequena, por alguns meses.

As Religiosas, na Itália, são atualmente 135.000, pertencentes a 448 Congregações, com um total de 16.000 casas. (ALA, Julho-Agôsto de 1955).

Noviciado regional para religiosas de clausura — A Ordem da Visitação de Santa Maria, fundada por São Francisco de Sales, com a cooperação de Santa Joana Francisca de Chantal, em 1610, em Annecy, Saboia, conta atualmente com quase 200 casas em todo o mundo. De acôrdo com as diretrizes da Constituição "Sponsa Christi", os Mosteiros da Ordem se vão reunindo em Federações Regionais, que a seu turno constituem uma grande Confederação. Surgiu recentemente o primeiro Noviciado Regional, canonicamente ereto, a pouca distância de Roma, para a Federação do Centro e Sul da Itália. O novo Mosteiro está situado junto à colina de Monteporzio Catone, a quatro quilômetros de Frascati. Foi inaugurado a 2 de Fevereiro dêste ano de 1955, com a presença do Exmo. e Revmo. Sr. Dom Braz Budellacci, bispo auxiliar de Frascati. A 21 de Julho S. Eminência Revma. o Sr. Cardeal Frederico Tedeschini, Bispo de Frascati e Protetor da "Visitação", presidiu ao estabelecimento da clausura. Benzeu a casa, acompanhado pela Madre Geral da "Visitação", Bernard-Maric de Uriarte e das duas Madres Regionais italianas. Na capelinha do Mosteiro, onde já ressoam os louvores divinos, foi dada a benção do SSmo. Sacramento. (Oservatore, 23-7-55)

Quando chegará a hora de as religiosas de clausura, tambem no Brasil, de organizarem em federações, e constituir seus noviciados regionais?

Pensionato em Roma — Para religiosas que estudam, para moças bem formadas, recomenda-se em Roma o pensionato das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras Portuguesas, "Casa Madona de Fátima", via Giuseppe Cerbara 38 — Tor Marancia, Roma.

Nomeação de Prelado. — A Santa Sé acaba de nomear Mons. Diego Parodi para o munus de Administração Apostólico da Prelazia de Santo Antonio de Pádua, de Balsas, no Estado do Maranhão. S. Revma. é da Congregação dos Filhos do Sagrado Coração de Jesus, (Combonianos), aos quais está confiada a Prelazia.

VEÍCULOS E MATERIAIS TRAZIDOS COMO BAGAGEM

Frequentemente as Congregações Religiosos qtie trabalham no Brasil estão recebendo reforço de pessoal, vindo do estrangeiro, mais frequentemente da Europa, não raro também dos Estados Unidos. Estes religiosos se enquadram; plenamente, na categoria de imigrantes. São de nacionalidade estrangeira, vêm trabalhar no Brasil, em caráter permanente. Podem os Superiores utilizar a oportunidade da vinda destes religiosos imigrantes, para providenciar equipamentos e veículos para as suas casas ou instituições. Assim como o imigrante agricultor ou técnico tem direito de trazer consigo os próprios instrumentos de trabalho, também o religioso imigrante tem a mesma possibilidade. Não basta ao superior, no Brasil, receber reforço de pessoal. Ao lado da falta de pessoal, há também, em todas as suas obras, deficiência de equipamentos, e sobretudo de veículos. Um jeep, ou uma camionete, está hoje a preços quase proibitivos para nossas instituições. E' bem o caso de prover, de uma só vez, a falta de pessoal e de equipamentos, quando se tem a possibilidade de receber do exterior um religioso ou uma religiosa que vem reforçar nossas fileiras.

Por isto mesmo tornamos de conhecimento público os passos necessários. Objetivamos, no exemplo que passamos a focalizar, o caso de um veículo. Mas a roteiro destas práticas é semelhante, também para a vinda de outros materiais. As dificuldades — e não raro impossibilidades — de alfândega, aparecem para mercadoria que não seguiu os tramites legais

para entrada no Brasil. Inadvertência ou inexperiência do religioso imigrant Quando a documentação está em forma, de acôrdo com os dispositivos regu lamentares vigentes, nada dificulta a retirada de um veículo, na alfândega d qualquer porto.

O caminho a seguir é o seguinte. 1) Deve-se comprar o carro n exterior, emplacando-o. O comprador, isto é, o imigrante, deverá possui licença para dirigir (carteira de motorista). 2) Seis meses após a compra, imigrante deverá requerer, no consulado brasileiro competente, no exterior o seu visto permanente para o Brasil, juntando, ao mesmo tempo, uma list de seus haveres, que pretende levar para o Brasil, incluindo o veículo. E claro que o veículo deve estar em seu nome próprio, não em nome da congre gação ou da casa. E' êle, pessoa física, o imigrante. 3) O Consulado dar o visto e consultará a Secção Consular do Ministério das Relações Exteriore (Itamarati), no Rio de Janeiro, que dará a última palavra quanto à entrad do carro no Brasil. Esta consulta normalmente é feita e respondida por vi aérea. Poderá ser por via telegráfica, correndo as despesas por conta d imigrante. Nesta fase das práticas, devemos ser informados, para acompa nhar o processo no Itamarati. 4) Uma vez dada a permissão pelo Itamarati a lista de haveres será legalizada pelo Consulado. Mediante apresentação da lista legalizada, incluindo o automóvel a alfândega no Brasil desembaraçará o veículo, sem dificuldades. O imigrante deverá juntar os seguintes documentos relacionados ao carro, com a lista que apresentará ao Consulado; a) recibo de compra do carro (provando que a aquisição se efetuou seis meses antes, ou mais); b) registro do carro na Polícia (licença). Nestas condições, só é permitido ao imigrante, com visto permanente, trazer um carro, não mais. Nunca será permitido ao turista, com visto temporário. Nem ao brasileiro que volta do exterior, depois de ter estado lá quanto tempo se queira. Ao imigrante, só a primeira vez que vem para o Brasil, não as outras, se porventura volta à pátria temporariamente.

Quando o material que deve entrar no Brasil é doação de órgão governamentais estrangeiros, o processo é mais simples e sumário. Basta provar esta condição. Pelo comunicado n.º 45, de 24-6-1955, a Carteira de Comércio Exterior tornou público que poderá ser licenciada a importação, sem cobertura cambial de material doado por órgãos governamentais estrangeiros, sem restrição quanto à espécie e categoria, a instituições nacionais de assistência social, científica, técnica ou filantrópica, o que também se refere aos casos de doações de veículos a motor.

O Serviço de Viagens da C. R. B. está à disposição dos Superiores interessados, e pode promover todas as práticas relativas.

AS PARÓQUIAS DO BRASIL

Distribuidas pelos Estados e pelo clero regular e secular.

Estado	N.º Paróquias	Seculares	Religiosos
Acre	11	1	10
Alagoas	45	38	7
Amapá	4	4	—
Amazonas	47	15	30
Bahia	181	143	38
Ceará	132	111	20
Distrito Federal	118	72	46
Espírito Santo	48	26	22
Goiás	62	30	32
Guaporé	5	3	2
Maranhão	72	48	24
Mato Grosso	53	8	45
Minas Gerais	837	581	124
Pará	66	25	41
Paraíba	76	64	12
Paraná	135	40	95
Pernambuco	133	110	23
Piauí	44	33	11
Rio Grande do Norte	52	44	8
Rio Grande do Sul	363	226	137
Rio de Janeiro	141	106	34
Santa Catarina	339	98	63
São Paulo	613	409	237
Sergipe	42	35	7
Total no Brasil	3.309	2.240	1.069

Os dados, relativos às paróquias de religiosos, são do Departamento de Estatística da C. R. B. Com relação às paróquias de seculares, são do Brasil-Católico de 1953, e dos estudos e levantamentos feitos para a Conferência dos Prelados da América Latina. Data de referência: Junho de 1955.

CURSO PARA FORMAÇÃO DE CATEQUISTAS

No Colégio dos Santos Anjos — Distrito Federal.

Correspondendo à orientação da Conferência dos Religiosos, no sentido de se formarem verdadeiras Catequistas, que se dediquem ao ensino da doutrina cristã, foi criado um curso de formação para catequistas, no ano passado, no Colégio dos Santos Anjos, um mês depois de haver instituído na Faculdade de Santa Ursula, séde do Departamento de Catecismo da Conferência, o primeiro curso com êste objetivo.

De acôrdo com o espírito que o anima, o curso tem por finalidade formar a catequista, de modo a levá-la: 1) a conhecer a alma da criança, pelos estudos da psicologia; 2) a amar a criança, pela compreensão piedosa do valor de uma alma, através dos conhecimentos da pedagogia e de estudos sôbre Sagrada Escritura, Dogma e Morais; 3) a por em prática as lições dêsse amor, aplicando-se à formação do cristão perfeito pela catequese.

No estudo das disciplinas, segue-se o seguinte critério: 1) trabalhos de estagio e aplicação prática; 2) média 7, pois não há exame oral, e o cômputo das notas atribuídas aos trabalhos mensais dá a média de promoção e de término do curso. A duração é de três anos, sendo o programa distribuido em dois ciclos, o preparatório, de um ano, com direito a certificado, e o superior, de dois anos, com direito a diploma. Para que haja uniformidade no ensino, segue-se o programa elaborado para o Curso da Faculdade de Santa Ursula.

As atividades do curso se iniciaram em agosto de 1954, com 16 alunas matriculadas no ciclo preparatório. Pela premência de tempo, as aulas foram intensivas, terminando em dezembro do mesmo ano letivo. Reiniciaram-se os trabalhos escolares em abril de 1955, funcionando então o ciclo preparatório e o primeiro ano do ciclo superior. Para incremento do número de matrículas, realizou-se uma conferência, pronunciada pelo Revmo. Padre Irineu, Secretario Geral da Conferência, a 1.º de Maio, para a qual foram convidadas todas as Religiosas da zona Norte da cidade. O resultado foi imediato: 30 inscrições para o ciclo preparatório. No primeiro semestre houve perfeita regularidade da parte dos Professores, sendo realizados com precisão os trabalhos de estágio, cujas notas estão arquivadas em livro apropriado. As alunas foram assíduas às aulas, notando-se habitual interêsse pela aprendizagem.

Em 8 de agosto recomeçaram as aulas do segundo semestre, com o mesmo interêsse e aproveitamento. As aulas práticas têm sido integradas com objeções apresentadas às alunas para serem resolvidas, e outras trazidas pelas mesmas para serem analizadas; tôdas, objeções reais, surgidas nas próprias aulas ministradas às crianças. Essas questões, com as respectivas soluções, estão sendo compiladas em caderno especial, para o arquivo do curso.

Bem oportuno é, e de justiça, reconhecer que o bom êxito do curso se deve, em grande parte, à sabia orientação dos Revmos. Professores, Frei Jacinto Palazzolo e Mons. José Joaquim Lucas, que têm, com notável dedicação, ministrado às alunas, os mais atuais e necessários conhecimentos

Com as bençãos de Deus e de nossa Rainha e Mãe, esperamos chegar com satisfatório resultado ao término do presente ano letivo.

O curso foi aprovado oficialmente pela Conferência dos Religiosos, em 24 de Abril de 1955.

NOSSA BIBLIOTECA DE FORMAÇÃO TEOLÓGICA

LITURGIA

Pe. José A. Jungmann, S. J., EL SACRIFICIO DE LA MISA, Tratado histórico-litúrgico — Versão castelhana da obra completa em alemão: MISSARUM SOLLEMNIA — La Editorial Católica, S. A., Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 1951, 1259 páginas.

Sua Santidade, o Papa Pio XII, recordava na encíclica "Mediator Dei", em 1947, que a Liturgia não pode ser definida "apenas como parte externa e sensível do culto divino ou como cerimonial decorativo", nem como "mero conjunto de leis e preceitos com que a hierarquia eclesiástica ordena a realização dos ritos". Ao contrário, o Santo Padre nos apresenta a sagrada Liturgia como o culto que Jesus Cristo, Cabeça da Igreja, associação a seu Corpo Místico, tributa ao Pai eterno, continuando o sacrifício outrora oferecido na Cruz.

Assim, o Sumo Pontífice coloca a Liturgia, cujo centro é o Santo Sacrifício da Missa, dentro da perspectiva da doutrina do Corpo Místico de Cristo. A sagrada Liturgia só pode ser realmente entendida e vivida à luz do Dogma: exige daqueles que a desejam celebrar, ou dela participar digna, e frutuosamente, a consciência clara da grandeza de Deus, e de quanto a sua imensa Caridade fêz em pról da Redenção da humanidade.

A obra do Padre Jungmnan é realmente de um inestimável valor. Que haveria de mais urgente para nossa vida espiritual, do que uma compreensão e com ela um amor cada dia maior do santo Sacrifício do altar? Não encontramos nêle, como diz a secreta da Missa de Santo Inácio de Loiola, "os sacrossantos mistérios, nos quais Deus estabeleceu a fonte de tôda santidade"? O livro do Pe. Jungmann quer levar-nos a uma convicção crescente das imensas riquezas, que se escondem na Missa; quer fazer-nos cada vez mais convictos daquilo que nos diz a Imitação de Cristo: "Tôdas as vêzes que celebras êste mistério e recebes o Corpo do Senhor, renovas a obra da

tua redenção e participas de todos os merecimentos de Cristo" (Liv. V, c. II, 6).

Enquanto ao longe troavam os canhões e a última guerra levava a cabo a sua obra destruidora, o Pe. Jungmann, retirado no silêncio de uma região campestre, como capelão das Irmãs educadoras de Santo Poltren, preparava a sua colaboração no trabalho de reconstrução do mundo de após guerra. Foi aí que deu o principal impulso à elaboração de um mundo de notas e pesquisas, preparadas com o cuidado científico peculiar ao grande professor da Universidade de Innsbruck, que êle era.

Podemos constatar, estudando a obra, que o autor ultrapassou de muito o seu intento, formulado no início: "Resumir o estado atual das investigações sôbre o tema" da Liturgia da Santa Missa. Ofereceu-nos uma elaboração original e amplamente documentada, que poderiamos considerar a melhor da atualidade sôbre o assunto.

Além do mais, não nos proporciona apenas um estudo científico perfeito; "o livro não intenciona servir tanto à ciência — conquanto se trate da ciência mais preciosa de nossa tradição eclesiástica — quanto à vida, isto é, à compreensão mais completa daquele mistério, do qual diz o Papa Pio XII em sua encíclica Mediator Dei, que é a obra mais sublime do culto divino e, por isso, deve ser a fonte e o centro de tôda a piedade cristã" (Prólogo).

El Sacrificio de la Missa de Jungmann divide-se em *dois tratados*: O *primeiro*, introdutório, abrange *duas partes*. *Uma* oferece-nos a *história* "*da Liturgia da Missa*" desde a tarde da primeira quinta-feira santa até os nossos dias", A edição castelhana adaptou-lhe o título: "A Missa através dos séculos". As várias fases históricas da construção do imenso edifício, que é o ritual hodierno do santo Sacrifício, desfilam diante dos olhos do leitor com precisão, simplicidade e clareza, de maneira realmente interessante, deixando uma boa impressão de conjunto, aliada à perfeição dos pormenores.

Na outra parte dêsse tratado introdutório se nos depara *em primeiro lugar* um capítulo intitulado "Sentido da celebração eucarística — Missa e Igreja", no qual o autor, em breve *exposição dogmática*, introduz o leitor na doutrina católica sôbre a Missa: Mostra, assim, o conteúdo religioso, como núcleo vital de tôda a história do santo Sacrifício eucarístico. *Em seguida* encontramos um documentado estudo dos principais aspectos da Missa, "resultantes das diversas maneiras de a comunidade participar na mesma, desde a assembléia litúrgica agrupada ao redor de seu Bispo, até a Missa privada, sem comunidade assistente". Depois, o autor fixa a sua atenção nos fiéis, considerando as circunstâncias rituais, temporais e locais, que condicionam a sua participação".

No segundo tratado é amplamente exposto o "desenvolvimento ritual" da santa Missa, parte por parte, desde os ritos preparatórios até a ação de graças. Aqui, como escreve Jungmann, "Subiremos com a Igreja ao monte santo de Deus, onde ela se une aos cânticos dos espíritos celestes, para se abraçar com seu Espôso, que vence morrendo; depois, voltaremos acompanhando-a em sua descida do Calvário, para a insignificância da vida cotidiana".

Graças a uma rica *bibliografia*, que acompanha a obra; bem como aos índices perfeitos das *fontes*, *Fórmulas*, *Autores* e *Matérias*, o livro de Jungmann vale, além do mais, por uma enciclopédia prática sôbre a Missa.

Cônego Aug. Coegaert, LES RITES ET LES PRIERES DU SAINT SACRIFICE DE LA MESSE — Plans pour sermons et leçons — segunda edição, 3 volumes. H. Dessain, Malines, 1948 - 1.º vol., 607 páginas; 2.º vol., 403 páginas; 3.º vol. (1949), 473 páginas.

Os três volumes do Cônego Croegaert destinam-se principlamente aos pastores de almas. O antigo professor de Liturgia do Seminário Maior de Malines facilita grandemente o trabalho de todos aqueles que se disponham a pôr em prática a orientação do Santo Padre na encíclica Mediator Dei, desvendando aos fiéis os imensos tesouros ocultos na Liturgia católica, especialmente na santa Missa: "Para que, pois, o novo cristão possa conseguir estes dons sobrenaturais; sempre com maior abundância, instruí-o com zêlo mediante pregações oportunas e, especialmente, com conferências e cursos em épocas estabelecidas, em semanas especiais de estudos e outros meios semelhantes, a respeito dos tesouros de piedade contidos na sagrada Liturgia".

Ora, justamente para conferências, semanas, cursos organizados, de vulgarização do conhecimento da Missa, encontramos em Croegaent um ótimo auxílio: Esquemas bem feitos, que vão sendo metódicamente desenvolvidos e ilustrados, seguidos sempre de uma boa bibliografia sôbre cada assunto. "Antes de tudo — diz o autor — quisemos fornecer aos membros do clero um instrumento de trabalho metódico e prático, tanto para a sua iniciação pessoal, como para o seu apostolado, sob forma de asumções, lições, para círculo de estudos ou conferências" (Pref. da segunda edição).

Se a missão dos colégios e dos institutos consiste antes de tudo em iniciar os alunos na vida cristã, e se a vida cristã se centraliza na Missa e nos Sacramentos: como compreender que os ritos e as orações sagradas, veículos da graça, não sejam explicados em tantos ambientes? (Introd.). E o autor nos convence da urgência dessa formação relativa à santa Missa, pela citação de vários documentos dos Santos Padres, S. Pio XI, Pio XII, e dos concílios provinciais de Malines, bem como do Emo. Cardial Mercier, D. Marmion, e outros.

Copiosa bibliografia, inumeras gravuras e fotografias, a disposição tipográfica especial, abundância de esquemas, e um bom índice onomástico, tornam a obra de Croegaert realmente prática e aconselhável na Pastoral litúrgica.

No primeiro volume é explanada a ante - missa, ou missa dos catecúmenos. Os dois outros ocupam-se com a missa dos fiéis.

A autenticidade da doutrina e a oportunidade dêsse trabalho do Cônego Aug. Croegaert vêm atestadas por uma carta dirigida ao autor, em nome do S. Padre Pio XII, por Mons. Montini; assim como pelo prefácio, da autoria de S. Emcia. o Cardial Van Roey, arcebispo de Malines e ainda por uma carta-prefácio de S. Excia. Mons. Harscouet, Bispo de Chartres.

D. Tarcisio da Silva Ferreira O. S. B

A VIDA QUE COMEÇA COM A MORTE

por D. Estêvão Bettencourt O. S. B. — Livraria AGIR Editôra

Rio de Janeiro 1955, 290 páginas.

Problema muito espontâneo a todo homem, de qualquer época ou civilização, é o da sorte que toca a cada um depois da vida presente: para onde vamos? E qual o têrmo derradeiro da história?

Dada a relativa escassez de dados que nesta vida possuem a respeito do que nos advirá posteriormente, é natural que, no decorrer dos séculos, tenham pululado as respostas ao problema. São elas, porém em grande parte ditadas pela imaginação mais ou menos arbitrária dos diversos povos ou "mestres"; as Escrituras Sagradas mesmas, com a sua autoridade de Palavra Divina, são exploradas para fundamentar teorias fantasistas.

Nos últimos tempos principalmente, nota-se que a questão do além-túmulo atrai o interêsse geral; registram-se contudo as soluções mais desencontradas, desde o existencialismo negativista, niquilista, até as exuberantes construções de sectários que lançam profecias a respeito de um próximo fim do mundo (espíritas, adventistas, pentecostais, testemunhas de Jeová) ...

Frente a isso tudo, que dirá o homem de bom senso?

Caso Deus se tenha revelado ao gênero humano (e a fé cristã ensina que isto se deu), é à Revelação Divina que o homem ha de pedir luzes sôbre o roteiro postumo. Ora Deus fêz saber as criaturas o suficiente para que, desde os primeiros passos nesta vida, se encaminhem para o seu autêntico destino, que é obter o consórcio mesmo do Criador — felicidade imensa; é-nos possível, portanto, conhecer algo do Além. Êste algo, porém, não implica ainda a elucidação de tôdas as questões do homem mortal; é apenas o que o Senhor Deus julgou oportuno comunicar-nos a fim de que, peregrinando nesta terra, voltamos Aquele que nos fêz; plena luz ou a visão cabal fica reservada para o encontro face a face, do Homem com Deus após a morte; e, essa hora, o cristão a aguarda com paciência e sobriedade, no "claro-escuro" da fé.

De resto, para o cristão, a vida póstuma não é simplesmente uma realidade futura, mas algo de presente e quotidiano; e isto, porque a morte, para o discípulo de Cristo, e a consequênte ressurreição já se iniciaram no batismo. Com efeito, êste introduziu na alma do neófito um gérmen de vida nova — a filiação divina, — gérmen cujo desenvolvimento se deve verificar aos poucos no decorrer da peregrinação terrestre e que chegará ao seu pleno desabrochar no dia em que não sómente a alma, também o corpo ressuscitado serão totalmente penetrados pela vida sobrenatural, morrendo diàriamente ao "velho homem", natureza desregrada, o cristão já na terra desfruta mais e mais o sabor da vida eterna.

Baseado nestes princípios, o autor do presente livro apresenta aquilo que a Revelação ensina sôbre a sorte final do homem (I parte) e do universo (II parte); não deixa, porém, de considerar teorias alheias, tanto antigas como modernas, a fim de que o leitor se possa orientar com clareza frente às diversas correntes do pensamento humano. Especial importância têm os capítulos sôbre.

A salvação dentro e fora da Igreja visível (c. 8): ao contrário do que se poderia julgar, o católico é otimista também

neste ponto; muitos e muitos que não professam explicitamente o catolicismo poderão chegar a Deus, não porque "tôdas as religiões sejam boas", mas porque Deus considera a boa fé daqueles que sinceramente procuram o Bem;

O inferno (c. 6), seu autêntico sentido, sua compatibilidade com a Bondade de Deus;

O purgatório (c. 5), seu significado, nossas relações com as almas do purgatório, a questão das "indulgências";

A segunda vinda de Cristo (c. 9), sua importância na história do Cristianismo e do gênero humano, a época em que se dará, os sinais do fim do mundo;

A possível existência de habitantes em outros planetas (c. 18), questão que os famosos "discos voadores" muito viva tornaram em nossos tempos.

A todos os que refletem um pouco sôbre a finalidade da vida presente, esta obra é capaz de interessar.

SANTOS FUNDADORES

CELEBRADOS NO MÊS DE NOVEMBRO

SÃO CARLOS BORROMEU — 4.11 — Nasceu em 1538, em Arona, Provincia de Milão. Cardeal com pouco mais de 20 anos, foi insigne Arcebispo de Milão. O Concilio de Trento, teve nêle o mais santo executor das reformas estabelecidas para a Igreja. Em Milão, criou os seminarios maiores e menores. Durante a grande epidemia que assolou a Europa naquela época, tratou com carinho dos pestiferos. Foi o modêlo dos Prelados, tendo falecido em 3-11-1584. Há várias congregações Religiosas sob a protêção especial de São Carlos Borromeu.

SÃO JOÃO DA CRUZ — 24.11 — Nasceu na Espanha, em 1542. Carmelita, reformou a sua Ordem, tendo sido auxiliar e Conselheiro de Santa Tereza. Faleceu em 1591. Em 1926, S. S. Pio XI proclamou-o Doutor da Igreja.

SANTA CATARINA DE ALEXANDRIA — 25-11- — Converteu os 50 sabios mandados pelo Imperador Maximino, para com ela discutirem. Converteu também a esposa do mesmo Imperador. Em 307, sofreu cruel suplício. E' a protetora das Religiosas Catarinas.